

PORÉTICA EDITORA

A HORA E O CÍRCULO

SILVA CARVALHO

Não tenho nada para dizer.  
Palavras não me faltam.  
Mas estou sem inspiração.  
Não faço mais que esventrar-me,  
procuro o limite das minhas potencialidades.

SILVA CARVALHO

PORÉTICA EDITORA

A HORA E O CÍRCULO

SILVA CARVALHO

Começar um poema.

Preciso de começar um poema.

Para... para...

Preciso de começar um poema.

Mas esta dor de cabeça, que começou ontem  
à noite, persiste, teimosa, intragável, dolorosa.

Não tenho nada para dizer.

Palavras não me faltam.

Não aguento este olhar, não aguento este olhar.

Eu sinto-me bem mesmo com a dor de cabeça,  
sinto-me perfeitamente bem,  
por isso este optimismo nos meus versos.

Mas estou sem inspiração.

Não faço mais que esventrar-me,  
procuro o limite das minhas potencialidades.

É uma afronta que faço ao meu talento.

Como é ridículo o capricho do talento.

A inteligência!

Fulano é mais inteligente que tu,  
mas não tem sensibilidade.

Não vibra diante de uma pintura de Picasso,  
fica impassível com a Guarnica.

Não, fulano não tem sensibilidade.

Eu possuo a minha inteligência nos olhos  
e a minha sensibilidade na ponta dos dedos.

Como sou feliz!  
Mas a que propósito alijei uma coisa destas?  
Que me interessa a mim a minha felicidade?  
É música ou um bom filme?  
Se não é, não preciso dela para nada.  
Que aborrecido estar sujeito a estas arbitrariedades!

Está vento.  
Digo que está vento porque estou à janela  
e vejo as árvores vergadas e fluindo e refluindo.  
Se estivesse virado para a parede não estaria vento...

A rua foi mais uma vez dissecada,  
abriram-lhe uma greta, não deita sangue.  
As ruas não têm sangue. Só os bichos...  
Ia dizer um disparate, mas depois pensei  
que me poderiam chamar ignorante,  
e calei-me.  
Não me perdoou: era isto o que eu queria vencer.  
Poder dizer todos os disparates do mundo  
com a lógica de um embrião enlouquecido.  
São preconceitos, lutemos contra os preconceitos...

Agora que este poema está no fim,  
sem a ajuda da inspiração ou das musas,  
sinto-me descansado: consegui vencer a fatalidade.  
Escrever só quando se sente um impulso  
é uma limitação.  
Escrever sem uma urgente necessidade  
é um trabalho.

Por isso o meu dia já terminou.

Nunca comi caviar.

Mas se morrer sem nunca ter saboreado caviar,  
o que podem os outros homens deduzir de tudo isto?  
É o problema que me preocupa.

Nunca fiz amor com uma estrela do cinema.

E isso é muito importante.

Quando tinha quinze anos sonhava melancolicamente  
com o corpo rechonchudo da Liz Taylor;  
ainda não tive a oportunidade de o possuir.  
E isso é muito importante.

Nunca possuí nada do que desejei realmente.

Vinha a descer as escadas para o meu quarto  
quando pensei para comigo que hoje a minha vontade  
era poética e as minhas palavras versos.  
Foi por isso que vim sorrateiro escrever.

Chamo-me António José, sem minha culpa,  
mas chamam-me, desde a escola, Carvalho.  
E isso é muito importante.

Estou convencido que se tivesse um outro nome...

Congeminações traiçoeiras...

A minha impossibilidade de dizer é tão notória  
que as minhas palavras parecem-me pedras  
numa estrada deserta desde o último apocalipse.

Bom.

Estou a sorrir com os meus lábios  
e os meus dentes.

Meus?!

Estou a sorrir com os lábios e os dentes.  
Tenho uns lábios vulgares e uns dentes bonitos.  
Os meus pais gastaram um dinheirão  
para fruir de uns dentes bonitos.  
Estou muito reconhecido com o bem  
que me fizeram.

Nunca caiam na asneira de dizer  
que um meu poema não é nada  
nem revela nada: isso seria bom demais.

Para ser mais conciso direi como me correu o dia,  
para uma melhor compreensão desta poesia.

Levantei-me às nove e estudei até à uma.  
Comi umas duas postas de peixe frito  
com batatas e arroz da última refeição.  
Bebi água morna. Ouvi a guitarra  
de um colega e o ruído do meu gozo,  
lancei duas anedotas para amenizar o calor  
e o suor, perdi uma hora com Bob Dylan,  
estudei uma hora de Histologia.  
Não fiz mais nada porque são sete da tarde.

Importante: estou com uma cefaleia terrível.

E nunca comi caviar.

Que tarde cinzenta a que fomenta o meu cansaço!

Sem sol e com vento.

Nunca me senti tão isolado e tão perdido!

Mas perdido de quê?

Devo estar com alucinações.

Quero dizer que o tempo está mau e eu estou mau,  
mas minha doença não tem médicos nem doentes,  
é isto, este viver.

Eu estou em casa, no meu quarto,

sentado à secretária, escrevo.

Os meus colegas estão a estudar.

Confesso uma coisa: eu não queria misturar  
esta merda do estudo com a poesia,  
mas a verdade é que o próximo exame existe  
e eu não tenho estudado um corno.

Não quero que o leitor me julgue o porta-voz  
dos estudantes: sou o menos indicado.

O estudante vive estes anos para começar depois a viver,  
eu vivo estes anos porque comecei há vinte anos a viver.

É diferente.

Mas a tarde está triste.

Que banal dizer que a tarde está triste

pelo simples facto de transparecer uma cor cinzenta.

As tardes, como todos sabem, não são tristes nem alegres,  
os homens é que têm tardes de alegria e de tristeza.

Mas eu não estou nem alegre nem triste:  
estou a escrever sentado à secretária.

Gostaria muito de expressar uma sensação ou uma ideia,  
nem que fosse uma pequena emoção.

Mas não é possível, não sei bem porquê.

Algo está errado.

Disseram-me que o homem escreve  
quando tem alguma coisa a dizer aos outros,  
fruto da experiência pessoal,  
e que os outros ficavam enriquecidos  
com o testemunho dessa experiência.  
Coitados dos meus leitores: eu não tenho experiência  
para vender nem para sacralizar.  
Tenho palavras que dizem alguma coisa  
que todos os homens sabem.

Eu ontem li uma poesia de um homem do séc. XIX  
e fiquei maravilhado com o que ele dizia.  
Mas hoje já nada existe do que ele mencionava,  
ou se existe eu não vejo.  
Mas também ao ler os meus contemporâneos  
eu fico estúpido com a imensidade de coisas  
que dizem sem o meu conhecimento:  
os poetas, na realidade,  
devem ver para lá das aparências.  
Eu também poderia dizer coisas interessantes  
e com mais prolixidade que alguns poetas canonizados,  
mas não digo por... dignidade.  
Estava a brincar... Não tenho dignidade,  
nunca a tive, desde novo abandonei  
essas construções dos outros tempos.  
Ninguém me poderá acusar de não ser do meu tempo!  
AH  
Fez-me rir. Preciso de rir, é a verdade.  
Ando um pouco histérico, confesso.  
Confesso? Mas confesso o quê?  
O meu histerismo... Não vale a pena dizer mais.  
Afinal ninguém me perceberia!

Walter Kurt Wiemken, mágico do funambulismo,  
construtor de maciços de negro no plinto  
das ondas brancas, esqueletos de mármore  
no remanso da jovem mãe, cordas suspensas  
entre os troncos do asfalto escaldante, palhaços  
da má vida nos hotéis de luxo, anjos de asas  
bifurcadas no céu de uma tarde de inverno,  
velhos casarões de homens vetustos e mortuários,  
bandeirinhas nos transatlânticos de aço e verde  
mar, vertical de medo entre o desfiladeiro  
e a montanha, arquitectura de delírio no apogeu  
de um ânsia, circo de cores sanguíneas  
para os jovens sem dono, cavalo ventripotente  
de crinas em botaréu, esquema da morte  
no olhar protuberante da tua imagem.

Fiquei como um homem que acaba de nascer  
ao encontrar-me pela primeira vez  
com «Am Rande des Abgrundes»,  
e o meu sonho de uns dias antes preconizou  
o teu aparecimento nimbado desse obscuro  
contraste entre o real e o irreal,  
entre o negro e o branco,  
entre a montanha e a planície,  
entre a verticalidade e o horizonte,  
entre a adiposidade do sonho  
e a translucidez da realidade circundante.

Wiemken, dono de Basel e dos arredores,  
correio das predisposições frustradas,  
explorador dos cambiantes malditos,

sonegador da claridade da ilusão,  
capataz do vício de ser, demiurgo  
sem vontade nem brilho, matriz  
das horas de seborreia e ódio,  
calculador do espaço sem berros,  
místico de uma chave incolor,  
proxeneta das angústias, sapador  
dos restos humanos, cinzelador da dor.

Castel San Pietro, coordenada na terra,  
ponto de reunião, momento propício  
para o passamento injusto, hora sem par  
na criação do holocausto febricitante,  
derradeira visão do antropomorfismo  
exótico e insólito como uma barra  
no inferno do tempo.

Eu que estou aqui, num quarto virado  
para o norte, casualmente, eu que vi  
«Am Rande des Abgrundes» sem um colapso,  
mas com esta dor de me ver escarrado,  
não sei o que dizer de ti, o que pensar de mim.  
Tudo demasiado belo ou árido para te destinar,  
tudo sem conforto ou esperança, a morte  
veio em ti e eu fruo a alegria masoquista  
de te esventrar, gastrólatra do sangue  
que impuseste na tua vida, vampiro  
dos teus ais de lucubração onírica, verme  
das tuas insónias de noites alucinantes,  
sanguessuga da periodicidade do teu declínio.

Não te ter conhecido, eis o meu terrível bem,  
não te ter conhecido vivo, com sangue

nos lábios e tesão no teu sexo alpino,  
sem a influência do ambiente, isolado na roda  
incestuosa das tuas ambições, que bem  
que eu aufero neste momento de sonolência,  
incapaz de um suspiro ou de um grito,  
surpreendendo em mim a magia do teu pincel.

Depois de ter lido o jornal da manhã  
um afluxo de pedras mentais verruma-me o cérebro  
e um estranho dissídio de palavras segregar o vazio.  
Quantos camiões de rímel e preservativos higiénicos  
percorreram a noite de vento astral e violento?  
Quantos casais sem sono violaram-se de encontro  
aos lençóis, na tentativa desesperada de captarem  
o momento fugidio? Quantos assassinos não tiveram  
a ousadia bélica de entrarem num cemitério  
para o ritual da afirmação? Quantos feridos  
sem prejuízo para a sociedade que os consome  
não vomitaram sangue e esperma nas casernas  
do hospital? Quantas sortes se destinaram  
entre dois copos de vinho na reunião burocrática  
de uma empresa de mitos enlatados?

E eu fora de tudo isso!  
Eu aqui, sozinho, no meu quarto babélico,  
sem sair à rua desde o último domingo,  
fechado entre o silêncio e o burburinho  
do meu ziguezaguear sem estrela, caracol  
sem sol, verme entre os vértices do metal,  
consciência que distancia os outros,  
mármore onde os caprichos do tempo  
moldam a velhice, inquietude num corpo  
de impulsos e cansaços, isolado dos arrotos  
vomitados diariamente em doses suculentas.

Como os homens e as vidas seguem sem mim,  
nunca a minha arbitrária existência  
foi tão enxoavalhada, nunca a fulgênci  
do meu rumo ficou tão mesquinha!

Eu, que nasci e vivi durante vinte anos,  
eu que tenho a obrigação de ser jovem,  
que deveria ficar impávido quando  
uma notícia irrompe no mundo  
da bisbilhotice, que nunca dei grande  
importância ao que se passava pela terra,  
que nunca me importei com os desastres  
que minimizam os homens, eu, estou  
desolado por me ver só e dispensável  
à corrida das horas, minúsculo aracnídeo  
que constrói uma vida sem graça  
nem desfastio, indesejável sempre  
que penso na minha existência ingrata  
e descomunal, leitor de uma manhã  
em que o vento desfibra os nervos  
e causa vômitos.

Como todo o exterior da minha vida surge  
diferente: as árvores são árvores, como outrora,  
mas já não são a sensação de outrora: tenho  
espetado no meu corpo um galho cinzento,  
um amarelo de pesadume nos interstícios  
dos meus lábios, um fedor de laranjas podres  
nas narinas entumecidas, um peso de mortalha  
agridoce nos meus braços sem frémitos,  
um lutulento zéfiro de calores nos sovacos  
da minha adiposidade. Uma árvore banal  
possui-me com a violência de um touro. Eu  
sou a prostituta que ao vender o orgasmo  
pensa na essência do amor.

E esta insegurança de quem viaja sem destino  
na placidez da estagnação, que luxúria  
para o embotamento dos meus desígnios

pretéritos! E este mar de espinhos no sexo  
do meu viver ruminado, que displicência  
no meu sono sem camas mas com insónias!

Repetir a todas as horas que a vida é bela,  
mesmo agora, que prostituir  
para a minha leviana posição no mundo!

E ainda esta noite, no clangor dos meus nervos,  
com a escuridão nos olhos, eu inventava,  
para consolo ou por raiva, histórias clarividentes  
do destino, tramas que poderiam ser vidas  
de encanto e de maquinál ordem, edénicos  
caminhos sem quadrívios para engulhos  
de opção. A aparente loucura do homem  
quando suplanta a dor com a harmonia...

Eu estava em casa quando me trouxeram  
o jornal, e eu gostaria imenso  
de não estar nessa hora em casa.  
Quem viaja tem a felicidade  
de uma razão para se sentir só.

A incerteza de quem começa com um roldão na cabeça,  
a estúpida leviandade de quem começa sem acreditar no fim,  
a brava folha de brocado na história de uma tarde,  
tenho-a aqui, aqui neste meu grito, aqui sem esmolas,  
aqui por demais sabedor deste sofrimento em azul,  
aqui na espessura dos dias mitigados com ódio, aqui  
na translucidez diurna de uma breve sensação de orgasmo.  
De dentro de mim, em convulsão de gazes e anéis de ferro,  
sobretudo da areia meridional das incandescentes praias  
de sonho, entre este cheiro de pescado fresco de memória  
e o entornar monocórdico das sensibilidades embotadas,  
com a necessidade premente de dizer os zeros e os amarelos,  
desta necessidade em verborreia de horas e de ritmo,  
a cimitarra das angústias pretéritas no fogo do pesadelo,  
aqui onde não há mar nem montanhas, aqui aqui aqui,  
com frases de livros gastos pelo abuso de uma esperança,  
a entrada triunfal das divinas forças empenhadas no mal.

Não são os zuavos que me incomodam o viver, nem a peste,  
nem os olhos dos doentes que chafurdam o sexo no pestilento  
nínho, nem as deambulações exotéricas de um circo à deriva,  
nem a grandiosidade algoz de um canino vislumbre de medo,  
nem sequer a imaginação suada de um olor de morte.

Aqui, hoje, apertado entre as redes deste quarto ainda  
desconhecido, percepionando vagamente os ruídos da cidade  
que respira, interrompido com os estrondos barraqueiros  
dos anacrónicos eléctricos, sabedor de que o estudo só é bom  
para os imbecis ou para os ambiciosos, ganho desta estridência  
em silêncio o destemor de quem perde sem tino, aureolado  
pelos hábitos que uma burguesa educação estigmatizou  
na infância de mesquinhias interpretações do real.

Aqui, entre a fantasmagoria deste irreal suceder das coisas,  
absorto ou empanzinado com as situações *in extremis*,  
bufónico sem aquela sageza a que me condenei, aqui,  
no despertar destas mentiras verdadeiras, senhor da hora,  
capacho do destino que ainda não tenho mas que construo,  
visado pelo desespero do que já senti e não posso mais sentir,  
testemunha inequívoca da vida que em si não é mais  
que tempo, aqui, dizia, neste tumulto de vozes que são  
minhas, neste final do prazer, sem ao certo saber o que faço,  
escrevendo com a discrepancia de quem foge, aqui,  
neste cubículo onde o ar rarefeito não concita a febre,  
sem o fastio de quem já viu tudo o que tinha a ver,  
pequeno casulo de uma impotência que mudou de nome,  
porteiro dos tardílagos senhores que o século engendrou,  
eis-me aqui, vinte anos de espessura e opacidade em nervos,  
máquina onde as palavras conexionam com os ligamentos  
nervosos, resíduo de uma milhenta escória de passadas  
ilusões de homens, eis-me, como dizia, aqui, sem esse brilho  
que convém a todos os poetas, sem o inconsistente preconizar  
dos tempos futuros, sem nada, ou com o nada que não o é  
nos meus pensamentos, filho dos russos, ou das doutrinas  
que nunca tive a volúpia de ler, espúrio como o sangue  
de todas as menstruações das virgens assustadas, animal  
de tiro, jangada onde os naufragos nunca se salvaram,  
estância de férias de amantes reais, bitola para o andaime  
da vida, tudo isso é falso, tudo isso é terrivelmente falso,  
porque eu minto, eu que tive o desplante de estar aqui  
quando devia estar ali, que nunca estou no sítio onde devia  
estar, eu, filho de burgueses sem importância, irmão  
de burgueses sem importância, pai premonitório de filhos  
sem importância alguma, ou com a importância de serem  
meus filhos, eu aqui, neste quarto de estudante que não estuda  
por princípio, entre o céu de idílios róseos e fesceninos

e a terra podre de vícios e maleitas, sem saber o que dizer,  
ou dizendo o que não sei, aqui, neste delírio onde as vozes  
são pregos e as palavras símbolos, eu e esta música  
onde o ausente está com todo o fulgor de uma tarde.

Mas todos os canhões e as bombardas que nunca tive  
a oportunidade de ouvir, e todos os tiros de pistola do cinema  
americano que não servem mais do que para passar,  
entre risos de sopeira, duas horas de lúdicas divagações  
que não fazem perder ninguém, não são nada  
diante deste ribombar de vazio que me possui agora,  
aqui, deitado sobre a mesa, escrevendo febrilmente,  
anelante como um possesto, escravo das palavras que são eu,  
ou eu sou todas as simples palavras que ejaculo com raiva,  
porque tinha que ser com raiva, tinha que ser,  
como nesses dias em que o sol é violento como os impulsos  
do cardíaco, ou como esses caprichos de mar nas tardes  
de inverno, com o cais invadido pelo lodo e pela maresia,  
e nós, homens da costa Atlântica, que nascemos ouvindo  
o rugido do mar, que nadamos antes de aprendermos  
a linguagem da verticalidade, já não estamos acostumados  
ao sortilégio de sermos homens da craveira normal,  
porque duas filhas da puta de hormonas ou uma predisposição  
em que não acredito, me atiraram para a solidão, e é por isso  
que agora, aqui, eu berro sem vontade, limitado que estou,  
e peço aos homens que avancem para a minha guarida,  
e que me libertem desta inconveniente passagem cronometrada  
das horas.

O suicídio ou o assassínio, o mal de estarmos com pirrose,  
tudo pode ser demasiado fácil mas não é isso o que quero,  
eu quero que a minha vontade comande os meus gestos  
e que a minha actuação no mundo não seja etérea como

um fumo ou pesada como o arroto que lançamos no fim do almoço. Eu quero que o meu querer seja suficientemente forte para o ser, e quero que a sugestão das coisas obedeça ao meu desígnio.

Aqui, isolado porque não tenho a beleza esporádica de ver, estendido na minha preguiça que me levará à infravida, respirando o eflúvio desta tarde que sulcou o calendário, pobre na essência de toda a pobreza sem destinos falhados, eu espero que um alguém que sei que não virá não surja na atmosfera que sorvo em repelões de espasmos, para que as minhas palavras adquiram a autenticidade de um testemunho. Aqui, dizia, indiferente ao correr das naves espaciais, muito aquém dos modernismos que a minha vida nunca provou por displicênci, muito além das sensações do agora e do depois, no seio interior da minha vida onde o sonho e a realidade são duas mãos entrelaçadas para me estrangularem asseptizadamente, sem forças anormais ou divinas para gritar para além dos pulmões ou das cordas vocais, digo em tom onde a profecia não entra:  
**EU QUERO VIVER: EU QUERO VIVER: EU QUERO VIVER.**

Ainda não é hoje.  
Tenho adiado a minha vida, mais nada.

Mármore numa atitude de contemplação invisual,  
instantâneo onde o absurdo surge sem pedir licença,  
eu estou metido até aos ossos nesta tarde.

Regressar para escrever o que não sei ainda,  
é a fuga a uma vida que me faz banalmente mal.  
Deveres? Obrigações?  
Não, não quero isso, não quero estar dependente das coisas,  
não quero a servidão que a vida costuma impor aos homens.

Pensei em suicidar-me. Mas dizê-lo, como me parece ridículo,  
ou próprio de uma história de cordel.  
No papel, o suicídio não passa de uma palavra  
e a dor deste momento de um fingimento poético.  
Eu tenho vergonha de estar aqui, sentado à mesa,  
a dizer estas coisas que não dizem respeito a mais ninguém.

Depois, esta dor física, persistente, em mim, hipocondríaco,  
que bizarra maneira de saudar as alegrias  
e as pequenas coisas que a vida costuma proporcionar!

Que a minha vida podia ser fácil, não me acredito,  
mas podia ser mais leve!  
Afinal os outros também andam neste mundo  
e eu nunca recebi uma confidência do que sofrem.  
Por que será que o meu corpo, que só me causa transtornos,  
não tem a brilhante ideia de denunciar as minhas chagas?  
Não, não percebo o que de mim há de carne,

não percebo estas necessidades imperiosas que me chateiam,  
não vislumbro a necessidade de um sofrer físico.  
É ridículo.

Mas nesta encruzilhada onde a ressaca me encobre,  
senhor do nada, escravo de tudo,  
que mais me resta viver?

Uma compensação, eu sei que o que agora estou a fazer  
não passa de uma compensação.

Mas o que é a vida mais que uma multímoda compensação?

Quando o corpo exerce burocraticamente as funções  
para que nasceu, e não nos faz lembrar da sua existência,  
que felicidade!

Não, não sirvo para mais nada: não sirvo mesmo para nada:  
estou aqui sem saber ao certo o que fazer.

Mas os filósofos dizem-me que é preciso viver,  
que não se deve soçobrar, e eu não percebo os filósofos.  
Chego a não me compreender com todas estas vivências,  
e a consciência de que estou é um imbróglio para a pacacidade.

Mas bem no fundo eu tenho medo do suicídio.  
E a descoberta desta cobardia, deixa-me isento e impune,  
como se não tivesse nascido para mais nada,  
senão detectar a minha desadjectivada posição no mundo.

São seis e meia da tarde, está vento,  
tenho exame depois de amanhã,  
uma dor tentacular aguda no peito esquerdo importuna-me,  
a solidão do meu quarto não me diz nada,  
a fuga para o sono é um sedativo que a insónia não permite,

dizer que estou nauseado com tudo isto não é literatura,  
mas vocês pensem o que quiserem.

Sim sim, uma semana é suficiente  
para desaprendermos a escrever!  
Mas uma semana sem a presença do papel e da pena,  
que felicidade para a minha ânsia de viver!

Porque estou chateado. Porque estar chateado  
é normal em mim, e em mim o aborrecimento  
resolve-se negativamente com a poesia.

Não sei se percebem, mas é profundamente assim.  
E depois de um mutismo que durou simplesmente seis dias,  
que posso dizer que ainda não tivesse dito?

Nada.

Tudo na mesma.

Todos os astros na mesma rotação.

Todos os caminhos levam-me ao café.

Todos os dias são esventrados pelas duas refeições.

A manhã e a tarde e a noite...

A manhã com um rançoso sabor ao dia de ontem,  
a tarde a fugir para o palácio nocturno,  
a noite com o sono no corpo e no cansaço de mais um dia.

E o suor sem metafísica, e o vento sem pornografia,  
e o calor sem tergiversações...

Como não podia deixar de ser, deixei escapar certas ideias,  
não fixei certas sensações...  
nada se perdeu.

Um à parte. Eu queria que nesta poesia, se possível,  
entrassem os meus conhecidos do café Avenida, não sei porquê,  
talvez, quem sabe, para justificar as nossas conversas anódinas.

Dizer que um A. admira Aquilino,  
que o poeta R. N. fala de tudo menos de poesia,  
que o Al. é um femeeiro assaz razoável,  
que o J. brinca comigo quando me pergunta, irónico,  
se já vomitei a minha poesia diária,  
que o G. passa a vida dizendo que os estudos são uma merda,  
que os da casa, sarcásticos, intentam saber dos meus exames,  
que eu ora sou mudo ora sou profuso.

Agora, um minuto de tédio, fixando o tecto,  
vale pelo mais lascivo orgasmo,  
como se a prostituição do meu ócio  
reservassem momentos fulgurantes onde o nada  
surge envolto em aparições de concreto e de música.

Frente a uma parede nívea, sem mais nada,  
os olhos no infinito de uma quadrado finito,  
a projecção de mim no mar sereno do meu lazer,  
o reflexo do meu silêncio na opacidade da cal,  
que maravilha de oráculo neste tempo sem deuses!

Mas queria dizer, sem mal-entendidos, que estou,  
agora com fúria, vibrantemente mentindo,  
porque se tudo o que disse é verdade,  
tudo o que disse não passa de uma metamentira,  
e não explico mais porque também não sei.

– Se nada sabes, por que escreves?  
pergunta-me o A.  
E eu não sei como lhe responder. Sorrio. Ele também sorri.  
Mas não nos compreendemos.  
E o V. que diz amar até ao paroxismo Régio e Pessoa,

não gosta dos meus versos...  
Mas eu sei que poderia escrever poesia mais...  
Mas não quero.

Um novo Romeu pelas forças das circunstâncias,  
 ela está à janela, ele no passeio em frente,  
 trocando carinhosos sinais de compreensão equívoca,  
 o amor desceu do verde do céu e entrou na vizinhança.  
 Como estou à espreita da novidade e do acontecimento,  
 espio as evoluções das gentes nos passeios,  
 e dou a todos os que fluem um nome  
 do meu dicionário que ainda não inventei.  
 Sem canelas de jogador e sem vontade de domar a bola,  
 ouço o rádio revelar o transplante de um jogador  
 de uma equipa pobre para outra mais endinheirada.  
 Assim, comprehendo que não valho nada: sou um indivíduo  
 que não nasceu atleta nem padre nem boiardo,  
 preguiçoso como o maior preguiçoso da face do mundo,  
 cheio deste suor que o tempo vai borrifando nas pessoas.

Mas o que estou a dizer?

Repetir, repetir, repetir, não é obsessão,  
 é simplesmente repetir.  
 Num dia em que o esgar dos meus risos é diferente,  
 tudo o que de mim se esvai é diferente:  
 há uma lealdade nas minhas manifestações externas.

Bem. Mal. Não estou a brincar. Li... Alhures,  
 discute-se literatura, e todos comprehendem  
 o que ainda não foi demonstrado.  
 Bem, não sei o que estou a dizer. Para ser sincero,  
 tenho que dizer que acabei de me peidar,  
 e um cheiro terrivelmente humano encheu minhas narinas.  
 Penso em Brasileiro, agora, só agora, me desculpem.

Influenciado pela peça «Liberdade, Liberdade».  
E no entanto, não, bem...  
A sinceridade hoje está na inutilidade destes versos.  
Não dizem mais que o essencial da minha vida.  
São o paradigma do meu viver, ai isso são.  
Um novo Romeu... foi assim que comecei.  
Que mau português!  
Inestético. Arrítmico. Abrupto.  
Depois, verde do céu, só como construção poética,  
todos nós sabemos que isso não existe.  
E se eu disser que isso existe realmente?  
E não minto. Vocês têm a mania do racional, dessa batata,  
dessa limitação da imaginação. Porra, se eu digo que existe,  
é porque existe.  
Andamos aqui a enganar alguém, ou quê?

Uma dor nos rins. Estudei os rins em Histologia: complicado.  
Já não me lembro de quase nada.  
Uns glomérulos, é isso, umas coisas esquisitas, umas merdinhas,  
mas quem não souber aquilo não passa.  
Médico, vocês são capazes de me verem médico?  
Seria um crime abominável, execrando.  
Estou sem verve: caricato, é quando digo mais...  
Um novo Romeu pelas...  
Só merda, hoje só escrevo merda,  
hoje estou como nos outros dias.  
A vida é assim, meu menino – já alguém me disse.  
E eu respondo: então merda. Não colaboro com a vida.  
Pensar em Brasileiro é bacano: sinto-me mais jovem.  
Mais fresco, cheio de vitalidade. Rejuvenescido.  
Um novo Romeu! Quem diria?  
A propósito de quê?  
Não meto Shakespeare nesta cagada. Li Otelo, e mais dois,

ou três... aprendi um grosso. Até deixei de viver!

Só um grande estupor não gosta de foder.  
 Comecei bem. O problema é este: quero escrever  
 uma poesia erótica como mais ninguém foi  
 ainda capaz de fazer. Como dizia, só um paneleiro  
 muito paneleiro não gosta de expelir os humores  
 seminais na grande cona de uma dulcíssima virgem.  
 Apercebo-me da minha pouca vocação para o erotismo.  
 E no entanto sou considerado um porcalhão obsceno,  
 um devasso, um depravado, uma tarado sexual,  
 um violador, por ironia do... dizer destino não: é banal.  
 Por conseguinte, do... do... Mas que posso eu mais dizer?  
 Só um grande estupor não gosta de foder.  
 Até aqui tudo bem, ou não muito mau. Os críticos  
 não têm a sageza que ingenuamente lhes atribuo.  
 Nesta poesia queria colocar de uma maneira vulgar  
 a palavra tauxiar. É... já disse,,,,,,,,,,  
 Asneirento.

Só um grande estupor não gosta de foder.  
 Com a tua língua boçal e arcaica, forda de desejo,  
 com a pontinha entumecida no clitóris enturgecido,  
 na sucção de um prazer sem limites da conveniência,  
 a ondulação do teu corpo sob o meu, desfeito em rosas,  
 com o perfume do esperma nos lábios vermelhos  
 de sangue, sem colhões a embaracar o coito, cá fora,  
 expoentes de uma anedota, e a tua boca nesse cu  
 de galinha para encarapuçar a glande purpúrea,  
 em convulsões letíferas e esgotantes, nós  
 e os nossos corpos, na harmonia dos instintos  
 satisfeitos e agradecidos, nesse vaivém de uma liturgia  
 antiga como a merda, nessa posição ressupina

e hierática, em adoração ao falo e à borracha  
e à máquina da costura, assim sem vírgulas  
e sem pontos, aéreos e demoníacos, com os olhos  
incendidos nos objectos do nosso amor de gestos,  
suspirando por cada vértice de tontura na carne,  
nos saltos do nosso arrolhar metafísico e inovador,  
prontos para a incineração, afundamo-nos  
entre lençóis de lodo animal e fragrância de suor.

Custou! Estou cansado. Deveras cansado.  
Mais do que se tivesse perdido o meu precioso  
tempo na trama das paixões carnais.

Não sei se vou ser ridículo: sinto-me mulher, hoje.  
Comecei a pensar se não seria um Homossexual.  
Quem sabe! O M. não diz que tenho umas mamas de mulher?  
Ele dá um nome esquisito a isso porque estuda medicina.  
Mas é a mesma coisa. Afinal nem todos podemos ser  
pederastas. Eu não sou. Misógino pela força  
das circunstâncias. Pela força das circunstâncias?  
Que é isso?

Entre este fingir que o é, e este viver que não o é,  
não sei o que fazer das minhas palavras. Não sei.  
Apetece-me dizer: a revolta, a revolta, a revolta.  
Sem consequências.  
Causa-me repugnância o que estou a fazer,  
porque tinha que sentir, e agora já sinto qualquer coisa  
que não é palpável mas existe, e o que desejo são coisas  
que existam verdadeiramente.

Nesta época em que não se disse nada,  
em que está tudo por ser dito, a minha posição

de poeta ou do raio que o parta é sintomática.  
Quero dizer com isto que o sol é aborrecido e que a vulva  
da vaca é dura por causa das fibras de substância conjuntiva.  
Não sou professor. Por isso, tudo o que disse sobre a vulva  
é verdade, mas só para uma aula de qualquer coisa.

Hoje escrevi três maus poemas com aquele fastio  
que me é peculiar. Começo agora o quarto.  
Não vai ser assim tão mau. Agora já tenho  
sentimentos para justificar as palavras.

Eu, que estou em casa, já o disse algures,  
que nunca estou em casa,  
porque tenho nesta cabecinha  
a fantasmática necessidade do real,  
e o real,  
com as suas adventícias conivências com o irreal,  
já não passa ou ultrapassa as discussões  
sobre as interrelações,  
fortuito passatempo dos trabalhadores  
de obras para o estrume  
com que os vindouros fertilizarão as vidas  
que só serão deles,  
eu que encetei e já não sei acabar,  
porque de repente,  
e isso é a verdade, julgamo-nos mentir,  
ou cuido que minto,  
e pronto, a inspiração desce ao longo das costas  
e desaparece, tenho o traseiro  
esbraseado de almorreimas e...

Eu, eu e eu, mas só, sem tu e sem ela,  
nem mais que um homem,  
em casa, em Coimbra – isto é importante –,  
no quarto, à mesa,  
com a máquina que ainda não paguei,  
em segunda mão,

comprei-a em segunda mão,  
foi mais barata, como é apodíctico,  
eu e eu e eu, um infinito com um fim,  
escrevendo com um dedo,  
sem ideias, como tinha dito ao princípio,  
com nada,  
sem uma só sensação,  
sem as paixões apanágio dos poetas,  
sem o V. e o C. e o T. ao meu lado,  
longe de mim,  
fora da minha actual mundivivência,  
isolados e solitários como eu,  
artistas sem o saberem,  
da Hora e do petit espaço,  
do grotesco e do tédio,  
de mais nada porque não são enciclopédias,  
verrumando a vida,  
passajando os bordéis do ócio  
sem visitantes casuais,  
à espera de... na esperança de... com a ânsia em...,  
como eu neste mundo,  
coalidos no liceu chato com professores frustrados,  
entre discussões do quotidiano e da literatura,  
desprezados intimamente  
pelos colegas que a vida oferta,  
inculpados de serem, estiolando de... não sei,  
sem a companhia deles, eu sem tu e sem ela,  
tu que lês no futuro,  
rapaz ou rapariga,  
ou homem dos trinta anos  
ou mulher na menopausa,  
que conheceis Camões e os Lusíadas,  
e quem mais? só vós o sabeis,

e sem ela que nunca esteve comigo,  
possivelmente nem existe,  
não tem olhos nem orelhas,  
nem seios rechonchudos,  
ou com uma existência intelectual  
na minha construção de mitos,  
mas espúria ou ilídima  
– que bom empregar este termo –,  
bichinho que não aparece  
nem à força de um chamamento,  
agora que a sua vinda seria funcional  
e sedativa neste descenso,  
sem tu e sem ela,  
eu no linde do meu espasmo respiratório,  
entre o invisível e o aparente,  
ou com isso no peito,  
nada mais tenho a dizer  
senão obscenas confissões de objectividade.

Hoje já escrevi três maus poemas, é certo que com fastio,  
mas não será este que burilo agora ainda pior?

Arrotear, cinzelar, cendar, relimar – que bom dizer isto –.

Reticências... Vírgulas,,,,,, Pontos.....

Palavra. Verbo. Adjectivo.

Substantivo. Pronome. Advérbios.

Analisa-me esta oração:

Hoje escrevi três maus poemas.

Predicado? Escrevi.

Sujeito? Eu.

Três maus poemas – complemento directo.

Hoje – complemento circunstancial de tempo.

Então, o que quer dizer essa frase?

Quer dizer, que nesse dia, o poeta,

escreveu três maus poemas.

Perceberam? Alguém não percebeu? Eu estou aqui  
para tirar dúvidas. Perguntem agora, enquanto é tempo.

Com o vento leste concentrado no meu corpo,  
o suor na epiderme,  
a queimadura gretada na garganta insaciável e dura,  
a desídia desta hora está justificada.  
Despir a superfície e expor à sombra  
as entranhas eruptivas de gordura e amarelo pigmentado,  
eis o que não posso fazer.  
Mas como eu amo, independentemente de tudo,  
este vento quente, em golfadas sulfurosas e cálidas,  
leve como uma dança do ventre,  
embalador como um berço feito de escamas.  
Vinte e nove de Junho! Verão na terra,  
com os indícios de tempestade na atmosfera baça,  
e um sussurro doloroso na voz das árvores adormecidas.  
Tempo para deixarmos a vida parar,  
correr sem nós, infrene, com raiva no pescoço,  
saída deste desejo de independência e de fulvo isolamento.  
As roupas estão a mais. São acessórios prescindíveis,  
tenho na minha consciência um campo de nudismo,  
e o meu corpo no quarto em ustão de abafado clima.  
Este cheiro a cigarro ou a folhas secas,  
este cheiro característico,  
no ar, no solo, nos meus bolsos, sobre mim,  
e na boca o gosto de leite coalhado com sardinha frita,  
ou de cerveja em arrotos com queijo da serra!

Com as gotículas no fácies derretido, filho súbito de deus,  
com cornos nas frontes de sátiros pretéritos,  
e pêlos sedosos marchetados no meu peito exterior,  
a caracterização completa-se com esta flauta de barro.

Um sorriso origina água,  
uma fala origina água,  
uma passo origina água.  
Sou uma fonte.

Tarde calcinada de desterro, de corpos nas camas,  
de inquietação sem causa ulterior ao calor,  
de morte na terra desidratada, de resina nos pinheiros,  
de refrescos que vão ocasionar mais exsudação,  
de um consecutivo mijar sem olhar para a sanitá,  
de um remorso por indirectamente  
estar de fora do espírito do momento.

Este vento que faz lembrar a cimitarra,  
que na boca hiante redemoinha com a língua  
e com os dentes, que estiola o cuspe e insulta o sebo,  
que me faz lembrar a tarde do primeiro abandono  
onanista quando tardivamente descobri  
a unidade do meu ser, este vento  
que consola os tormentos que não tive,  
bela e esquipática maneira de ser abençoados  
pelo Capricho.

Vinte e nove de Junho de sessenta e oito! Uma data  
na geografia do sol e da terra. Um deliquescente  
sofrer as telúricas forças divorciadas do Homem.

Se não tens nada para dizer, por que dizes?  
 Consegues viver com essa contradição?!

À força de me divorciar dos homens  
 a natureza invade os meus domínios. O vento.  
 O sol. A chuva: no inverno e no verão.

Minto quando digo que abandonei os homens:  
 eu procuro e não encontro. (Faz-me lembrar uma canção  
 que andou muito em voga. Hoje, em mim, não resta  
 dela mais que essas palavras: o esqueleto.)  
 Mas nem isso é verdade. Eu acho que se exige a um poeta  
 aquele mínimo de revelação e de acuidade para definir  
 a dubiedade de certas relações: uma espécie de magia.  
 Mas eu não sei.  
 Se me perguntassem o que em mim é definitivo,  
 eu diria que era o estar. Eu estou. No tempo e no espaço.

Ando preocupado com a minha falta de inspiração.  
 De há uns tempos que estou estéril e seco.  
 Não tenho uma ideia, uma emoção, um sentimento,  
 nem ao menos uma impressão.  
 Estou preocupado porque buscava nos versos uma força,  
 um reflexo do meu estar;  
 mas agora nada, tudo sombras e bafio.  
 Procuro mesmo em mim, num refocilar  
 das minhas capacidades, um gérmen que fecunde e cresça.  
 Mas nada.  
 Como se as palavras me abandonassem, essas malditas...  
 Por isso, quando acordei, ao reparar que o meu quarto  
 foi invadido pelas formigas, eu pensei escrever

qualquer coisa sobre tão mesquinho evento.

Nada.

Uma outra ideia, mais insólita, é descrever  
o meu quotidiano:  
mas eu não consigo fazer mais do que isso,  
quando escrevo.

Escrevi um postal à família. Hoje é princípio do mês  
e preciso de dinheiro. Falei dos exames, mas pouco.  
Sou um estudante. Segundo ano de medicina.

O mau gosto desta poesia!

Sem estilo, abortada, indecente.

Entre, entre, entre, entre, entre,  
estou sempre entre.

A inconsistência do que não tem nome  
não é reflexo de alguma coisa.

Confesso até que o estar para aqui, que já não duvido,  
não significa mais do que o estar para aqui.

Tautologia.

Taumaturgo, veio-me à cabeça esta palavra. Uma palavra.

Demiurgo – associações livres, psicanálise.

Coragem – de quê? Hoje digo: em ser medíocre.

Amanhã?... Sou um homem.

Sou incontestavelmente um homem.

Tenho sonhos no intervalo das insónias. Minto.

Nunca tive insónias. Minto. Já tive pequenas insónias.

Hipnagogia insuportável! Dor de ódio à escuridão de fora.

Nunca apreciei a palavra orgasmo. Sou um complexado.

Preciso, é a verdadinha do momento, de foder.  
Esvaziar os sacos. Vocês sabem o que é isso?  
Estas pequenas necessidades dos homens...

Liberto de tudo, dos inconvenientes e dos aborrecidos,  
das masturbações que enfermaram toda a minha juventude  
sem amor, no meio cheio das estúpidas horas de salvação  
no jogo, mexeriqueiro com a convicção de um taumaturgo  
caseiro, filho espúrio da mentalidade crítica dos falhados  
na vida, pai de abortos com olhos de lua e chapéus de palha,  
versos onde a insuficiência e a verborreia estão sempre bem,  
dono dos astros que não são de ninguém, nesta reviravolta  
onde as ondas do mar não entram, preocupando-me  
com o avanço do progresso como da minha pessoa,  
ambíguo quando finjo que fujo aos problemas essências,  
no destemor desta encruzilhada esquipática porque  
sem caminhos, escravo do estar e do ser e do viver,  
com duzentas palavras mágicas no bolso roto,  
sem liberdade de acção ao retrógrado e ao inverso,  
onde a chuva e o tempo não entram, com o carinho  
do nada na alma, espártaco das horas onde a imaginação  
navega rios de ouro, cabeçudo para a compreensão  
do que os outros distinguem sem dificuldade,  
eis que nem os retratos dos antepassados são  
os meus precursores, nem as filosofias dos mais velhos  
nesta ofício de obrar trazem as soluções que jamais procurei,  
mas não encontrar é a suprema vilania dos covardes.

Senhor deste suor onde o verão é um estranho, com odes  
ao sol de um inverno que já passou porque nunca existiu,  
do nada para o nada em esotéricas manifestações  
de bom gosto, o que de mim há em mim é tão pouco  
como a água no deserto, e os alicerces com que sonhei  
ontem em que tomei uma caneca de cerveja trazem  
fulgurantes ideais que não aceito porque estou velho.

Escrever sem vontade, ou vontade sem escrever, o disparate  
dos teus olhares quando procuram em mim uma resposta,  
quando eu sou um mercado de perguntas sem resposta,  
faz sorrir esse homem que um dia, já o disse, acordou,  
e foi ter com o recado de um miúdo vindo da parte  
de um desconhecido que gostava de conhecer as vidas  
dos homens para depois dizer no círculo dos seus camaradas  
não comunistas, que só ele teve a ousadia de ir ao fundo  
das coisas, e que só ele é possuidor das máximas  
que significam a Humanidade.

Porque estar aqui, como ontem, não é a mesma coisa  
que uma repetição, porque se todos os dias são idênticos  
como dois gémeos, os minutos são sempre diferentes,  
e embora isso não seja importante, é um facto,  
e eu diante de um facto calo-me, não sei porquê,  
talvez porque me disseram que os factos  
são problemas ou realidades indiscutíveis.  
E eu que não me vergo diante de nada, que sou irascível  
como uma cegonha ou como um amarelo bem vincado,  
obedeço cegamente aos juízos codificados,  
porque não quero sofrer a vingança dos reaccionários,  
porque sou parafuturo, e o resto sem mais nada um nada.

Vizinho dos pobres que existem como moscardos,  
amigo dos homens, com uma vida que não é boa nem má,  
está simplesmente a prejudicar, filho de outros homens,  
particularmente de uma fêmea e de um macho,  
com irmãos, com avós, com tios e tias, com primos,  
sem família, na condição prosaica e esporádica de filho,  
sem vislumbre de mais nada, na esperança de não ser  
mais nada, amigo dos meus amigos com ciúmes  
dos que não são meus amigos mas convivem

com os meus amigos, fechado porque essa palavra  
me seduz e me atraiçoa, aberto a todas as inovações  
deste e de todos os mundos – eu até creio na existência  
dos marcianos ou quejandos – , compreendido  
pelos homens quando não quero ser compreendido,  
inocente como mais ninguém, um verso de um poema  
de Baudelaire.

E estava nessa posição de vírgula usada demais,  
com os olhos na alma, os outros sentidos no fogo da realidade,  
esperando que um ruído ou uma dor preenchesse o tempo  
e o sofrimento. Com meia dúzia de descobertas passadas,  
com um rochedo de preconceitos, pletórico dessa seiva  
que temos vergonha de confessar, entre o mar  
e a velha angústia de quem espera o que não sabe,  
ciente de que a verdade não estava ali nem em qualquer parte,  
sonhador onde as palavras mistificavam os símbolos  
e recriavam a hedionda necessidade de uma verdade.  
E com os cabelos surrados pelo pente de todas as manhãs,  
lustrosos como uma greve de sindicalistas sem imaginação,  
sadios como uma rechonchuda burguesa do nosso portugal  
medíocre, esses cabelos acariciados pelas putas dos bordéis  
da capital, filhas envergonhadas do campo e da inocência  
viscosa, e essa face com um não sei o quê de feminino e de goma,  
onde os olhos frios e brancos como uma casa de verão  
davam ao conjunto esse ar bufônico que escandaliza os espelhos.  
Mas a roda das sensações sem rubras manifestações,  
e as ideias que necessariamente aparecem no seio da terra,  
nesse crescer de maré em que os afogados aparecem  
carcomidos pela trivial morte e pelos peixinhos antropófagos,  
concitavam o homem que tinha a mão no triângulo  
de uma árvore vetusta e que sorria sem o saber para as horas,  
dizendo: lá chegará o meu tempo, lá chegará o meu tempo.

E feliz, com essa felicidade onde o contrário nunca se insinuou,  
caminhando ao sabor de uma vontade imaculada, percorrendo  
a cidade e as velhas ruas onde os turistas vão eternizar  
as viagens de recreio, galgando, que não o era, os campos  
dos subúrbios, porque todas as cidades possuem uma rodelá

suculenta de subúrbios arejados, o nosso homem, filho  
e ainda não pai, jovem como as manhãs de comprovação  
de mais um sonho polutivo, cheio desse mediterrânico  
*charme* a que chamamos encanto, pleno de tudo e de nada,  
sem quefazer e com tempo de sobra para gastar na quezília  
com o espaço, amigo de um poeta que vive alhures na terra,  
seu irmão espiritual, porque ainda há disso neste século vinte  
de pequenas merdinhas, esse poeta que não tem talento  
mas pensava que dizia coisas já sabidas e consabidas  
pelos seus coetâneos e conterrâneos no mundo, que um dia,  
depois de uma refeição de batatas e reflexos  
de subdesenvolvimento, com o estômago no lugar comum  
de dar horas antes do tempo, sem vontade pura  
para mais qualquer coisa que escrever, sem ao certo sofrer  
o ferrete da fome de um dia e do suor de um verão sulfuroso,  
esse poeta que se preocupa com a vida e com a morte,  
fora de moda, isto é, eterno, com as consumições quotidianas  
testemunhadas no diário que por desídia não escreve,  
esse poeta desconhecido e cadavérico, baixinho  
e com dois colhões que podiam ser maiores, sem saber  
anatomia, com uma trivial admiração pelo pensamento livre  
de tudo e de todos, côncio da sua vulgar estadia no mundo,  
responsável pelo mesquinho, com olhos míopes  
que não vêem mais que dois metros de perímetro,  
com esse odor característico dos obesos e que sabe a mel  
coagulado, nesse dia em que o vento e a tarde são hotéis  
de má vida, e em que o próprio cheiro da atmosfera  
é levemente obsceno, sem sémen, é certo, mas com insinuações  
de ritmos impróprios, rindo-se do que diz e do por que diz,  
só na ubiquidade das coisas, com esse velho  
e empertigado sorriso de quem pensa que não sabe nada,  
filaucioso como todos os maus homens das artes  
e das concupiscência, incondicional admirador das mulheres

com quem nunca fez amor, detractor das amizades pueris  
desse período em que as maiores barbaridades não podem  
deixar de ser pueris, para bem da lógica e do humor,  
sem palavras feias, com aquela displicênciia que fica  
sempre bem, esse amigo do homem que no campo,  
sob a sombra de uma árvore, sem quefazeres nem distúrbios  
de consciênciia, não puro, mas também não violado,  
com as maleitas próprias da natureza, e aqui, porque é  
aqui, este homem que escreve com medo de acabar  
de escrever, porque enquanto se masturba com as palavras  
a vida perde-se e não incomoda tanto.

Não que a noite tenha alguma essência, mas estar à janela, com dois olhos de um conto de um russo desconhecido e este último sabor da solidão própria deste momento, não é fácil e traz problemas para quem nunca pensou na dualidade das relações entre os homens e as coisas. A escuridão desta noite, com a electricidade longínqua das lâmpadas marchetada caoticamente na neblina de estranho olor, sem ruídos anormais ou horréssimos, sem febre e sem cansaço, esta noite em que o silêncio não preenche nem consola, mas predispõe o homem para os voos da inventiva e da angústia, quando da sua janela de cariz subitamente diferente pergunta ao não sei quem que sabe que não existe, o que faz aqui, neste tumulto de gente e de objectos, sabedor da sua vida com memória e remorsos ingénuos, alheio por vezes das misérias que o mundo aborta sem dor, guerreiro onde a futilidade do grito não atinge as estrelas.

Mas eu que estou a escrever esta poesia, eu que sou um homem, que não estou à janela, embora seja noite, que neste quarto de desenganos procuro em mim mundos novos e quem sabe insuspeitados ou mal definidos, estou contente por ter a possibilidade magnífica de dizer, de dizer muito simplesmente, de ter voz e intuição, de poder manejar com à-vontade as palavras, de, enquistado pelo pessimismo, passar a demiurgo de verdades, senhor supremo de um reino onde o único escravo sou eu.

Não é felicidade! Não é qualquer coisa que já tivesse sentido antes, mas existe o que estou a sentir. Não, não me importo

de não poder exprimir toda esta balbúrdia de alma  
e quiçá de sexo, não me importo desta semi-impotência,  
hoje eu escrevo com lágrimas folhetinescas estes versos  
e as palavras são árvores ou o que tu e eles quiserem.  
Não, hoje não discuto: estou só, na janela onde a metafísica  
não entra, sem solidão, acompanhado fisicamente  
das estrelas e do silêncio, se isso for possível, talvez não o seja,  
com esta alegria que roubei a um poeta meu irmão,  
com este calor que não é de maneira alguma do verão,  
todo meu, feito só para mim, para impudicamente  
poder cevar este lânguido enaltecer do Momento.

Como todos, diante disto que não vejo nem pressinto,  
mas está, sem mal-estares ou medos momentâneos,  
com a palpitação normal, belo sem atingir  
aquela obscenidade que adquiri com a erudição,  
sem dores de cabeça, sem sem sem, com este difícil  
encobrir da realidade, espúrio como a cotovia  
que não conheço, mas o que conheço eu?!,  
com aquele amarelo que comecei a amar e a detestar  
com Van Gogh, com a eutimia de uma hora perfeita,  
redimida e banal, sofrendo dentro de mim os sopros  
de uma inconstante grandeza, estático como nunca,  
preguiçoso como sempre, já sem esperar,  
escutando as convulsões delidas que só os meus ouvidos  
prospectam, esses espasmos nocturnos que a natureza  
arrota sadiamente, e com as impressões interiores  
desta visão optimista da vida, sem ralhos e falsas querelas,  
absoluto como um minuto de respeito, captando no ar  
da noite esse sentido de que só poucos se apercebem.

Nunca o estar só neste recinto a que chamamos vida  
e dor compensou tanto a minha trivial ânsia de nada,

os olhos dos homens que não tenho oportunidade de ver  
existem, estão aqui neste espaço imaterial e fugidio, no acme  
doloroso de uma criação que o imprevisto não catalogou.

Sem dores nem percalços, nesta janela insubstancial  
e verdadeira, no esguardo de sentinela circunspecto  
e atento, sem as vetustas e obsoletas consumições  
de todos os dias, melhor que os piores momentos  
de vida extra-uterina, só a minha imaginação  
e a minha vontade podiam proporcionar  
edénica mentira para o desanuviar do espírito.

Obsessivo, todo o meu pensamento é obsessivo e periódico,  
 como se tivesse pouco mais que a oportunidade de variar  
 as formas para o atavio monótono da mesma razão  
 e do mesmo delírio.

Na loucura de quem vê o tempo trespassar a vida,  
 indefeso e arrogante com a prerrogativa de o saber,  
 eis o homem que eu sou.

Eis este desejo de dizer que sou lúcido,  
 quando afinal a lucidez não existe, ou se existe está a mais,  
 como muitas das coisas que fogem ou escapam ao desígnio  
 do Homem.

Como a ridícula presunção de escrever com agá maiúsculo  
 me deixa lívido e preguiçosamente irresponsável.

Os valores, as escalas de valores, as montanhas de valores.  
 Já não suporto o ter que dizer que o homem é o rei,  
 e o resto na medida do arbítrio dos homens.

Estou cansado da mistificação.

Se me vêm dizer que a superioridade deste bicho está na razão,  
 eu pergunto diante dos morticínios e dos genocídios  
 onde raio a razão se comporta como deve ser!

Merda, eu não me posso incomodar com estas futilidades!  
 Se os homens se quiserem matar, que se matem,  
 mas deixem-me em paz, ou levem-me convosco  
 para os escombros do nada, que ficar assim,  
 em permanentes ameaças, é demais, já passou o tempo  
 em que podia brincar, agora não tenho tempo  
 para me preocupar com essas coisas ditas sérias.  
 Deixem-me com a minha loucura, preciso de descanso

e de sorna: não sabem quanto é difícil viver com sensibilidade e intuição, e essas questiúnculas só transtornam o meu viver.  
Porra, não estou para as brincadeiras aos revolucionários.  
Quando quiserem lutar com verdadeiras armas,  
venham ter comigo, não me importo de morrer  
por mais uma gratuidade útil aos outros.

Eu sei que esta situação está mal. Está péssima.  
Eu sei que os homens têm que ser iguais  
para harmonizarem o universo, para não dispersarem  
os horizontes nem para corromperem a verticalidade;  
mas para a conquista da vitória sobre os oressores,  
homens que não são desta época, mortos-vivos,  
museus de estagnação, é preciso sangue e luto  
no coração dos que vão vencer.  
Não são as palavras que vão modificar as coisas:  
são os homens.

Não me peçam abaixo-assinados para isto ou para aquilo  
que não passa disso, nem me digam que isso  
já é alguma coisa: não é nada.  
Modificar é matar o estabelecido e criar o novo:  
o resto são as tais pequenas tergiversações  
para podermos dormir sem remorsos e placidamente.  
Em frente, digam-me quando começa a revolução,  
eu não tenho armas mas possuo um corpo  
para o alicerce da revolta.

Não que a minha vida se resolva nesta luta de homens:  
mas muitas primevas vidas alcançarão a meta que desejaram.  
E eu, para andar bem na rua, preciso de saber que os outros  
não passam fome, que têm uma casa onde esconder  
a vergonha de viver, e que possuem uma dignidade

para desafiarem as estrelas.

Eu quero sentir que tenho irmãos.  
Por enquanto a minha sabedoria e a minha bondade  
é que me dizem que os outros me são iguais neste suceder  
de factos a que temos a veleidade de chamar vida.  
Sentir ao vivo, para justificar esse mito longevo  
dos antepassados, que cantaram a amizade e o amor  
como as mais lindas coisas do mundo.  
Eu não quero que os outros me compreendam,  
quero que eles saibam que o que digo é uma ínfima parte  
do que não posso dizer.

Nas desoras da minha emoção limite – onde li eu  
já isto? –, sem que a fadiga vença as minhas palavras,  
inessencial como todas as utilidades rendosas e terreais,  
mas isento dessa preocupação plumítica de fixar a realidade,  
com o gosto de escarrapachar palavras para depois descobrir-me,  
insincero como tudo, lembrando-me de Verlaine não sei porquê,  
gostando de Baudelaire porque possuía o Complexo de Édipo,  
leitor onde as palavras insinuam vida e falsas acusações,  
com a mentalidade nova de quem não percebe nada,  
vivendo como se os outros existissem de fora e para fora,  
com a invisível preocupação de não incomodar mais  
que a opacidade, homem ou rapaz onde o tempo escreveu  
vinte anos, sem destino nem porvir acrisolado na esperança  
em falsete, amigo de quem não conspurca o mistério  
com revelações idiotas, leitor de *Lolita* onde a masturbação  
compõe sinfonias de sexo, com esta desagradável vontade  
de sair de casa à hora do jantar, vivendo em conjunto  
com doze rapazes da geração de setenta, filho de burgueses  
que não sabem que o são, defensor veemente da futilidade  
e da revolta, causador de istmos nas virtudes das mulheres  
crepusculares, escandalizador das obscenas razões  
pouco ou nada razoáveis, solitário onde a angústia  
não é pretexto de literatura, sofredor da desordem física  
dos nervos ou do raio que o parta, agora que estou  
naquela época em que todas as horas são crises, medito  
na causalidade espúria dos trambolhões metafísicos,  
e digo para mim que, se fosse para uma ilha do pacífico,  
levaria uma mulher que tivesse um corpo como uma piscina  
e dois autores que jamais morrerão enquanto viver:  
Fernando Pessoa e Albert Camus.  
Influenciado por todos, diabolicamente esventrado por opção,

senhor do que sabe, e não é muito, medíocre a seu modo,  
goliardo destas horas de tardes onde o amarelo brilha e corrói,  
empanzinador de escravas denotações de viver isolado,  
capaz de uma verborreia onde a inanidade não entra,  
confessional onde o intimismo existe à flor da epiderme,  
rindo das loucuras juvenis que nunca engendrou  
nem capitaneou, bondoso com os que não gostam da poesia  
ou da música, comprehensivo com os problemas humanos  
que ninguém deseja resolver, eu estou aqui, máxima  
sem poeta ou prosador, extranumerário, com um passado  
envolto naquela bruma que purifica e aumenta,  
neste devir permanente onde as incompreensões escaldam,  
preparando ousadamente o gratuito futuro de pesadelos,  
entre a vida e a morte, entre a vida e a morte.

Dizer livremente o que sinto, todos sabem que são palavras,  
é tão belo como esfolar vivo um porco ou nadar no mar,  
porque é a emancipação dos terrores que os outros  
nos legaram. Medo?! De quê? Das críticas?...

Merda, como sinto em mim esta necessidade lúcida de ser  
medíocre, de escancarar aos homens a fealdade de uma vida  
insuportável, fazendo com que as minhas palavras  
não traduzam mais do que isto: o jogo do homem  
que brinca com a possibilidade de deixar de o ser.

Cagar, mijar, beber leite, líquidos de ouro ou de verdete,  
com toalhas onde os olhos possam escorrer mel,  
com toda a sabedoria aprendida nas escolas oficiais,  
filho de uma civilização, sem incomodar os juízos  
dos que se codificaram em granito, livre como a indecência  
desta hora onde a palavra lucila de sortilégio,  
com este espermático desfibrar de loucuras fisiológicas,  
inimigo das cortesias e das conas eivadas de sífilis inumana,

capador de touros gregos e de críticos que amam a verdade,  
simplesmente só e duro, pronto para a investida das falanges,  
miúdo como as estrelas longínquas, sem saber como acabar.

Com o nervosismo lúrido na minha cabeça,  
fugindo de mim em porções de riso e suor,  
mostrando aos outros a superioridade do meu raciocínio,  
estou eu no café das horas do interregno.

Convergindo para dentro do meu ser todos os sons,  
todos os reflexos de esmalte e de ouro medíocre,  
todas as facas vocais de tons fora da escala,  
todos os perfumes miscigenados com sovacos e virilhas,  
todos os negros tauxiados nos dentes e nas argolas de louçanía,  
a dispersão dos meus sentidos substitui a minha integridade.

Não é por acaso que estou agora no seio misterioso  
do mundo, e que estes bichos, sem qualquer espécie  
de pensamento reservado, me parecem as marionetes  
dos circos que nunca vi na infância.

Mas a noite está. É nobre arruinada pela obtusa electricidade,  
sussurra insinuações nos hipersensíveis,  
e eu que estou na noite, dentro dela, se for mais preciso,  
e que não sou bem um poeta, sinto fora de mim e para mim  
este estranho remorso vindo da natureza.

Medito. Mas as palavras que os do lado me exigem,  
e com certa razão porque o meu corpo está entre eles,  
não me deixam saborear a futilidade da minha imaginação.

Vejo perfeitamente, entre as copas das árvores, um sorriso  
que não sei de quem é. Não é meu: eu estou em conivência  
com estes homens com quem a minha vida se cumpre  
e se aborta. Mas o sorriso, que não é nem loiro

nem sequer misterioso, mais parecido com aqueles objectos  
que continuamente desprezamos, ou com a lógica  
que está simplesmente a mais, esse sorriso situado  
entre as reminiscências bíblicas e a modernidade do recinto  
onde as luzes são artefactos, mostra-se impudicamente  
ao meu olhar, e desperta no meu súbito silêncio  
uma nostalgia sem um fundamento ou sem uma causa.

Ouvindo as esperanças no futuro dos meus coetâneos,  
sofrendo displicentemente as suas dúvidas e os seus desânimos,  
comendo fesceninamente a Hora e o Cosmopolitismo estival,  
sem um pensamento das razões do meu viver,  
lembrando-me de um poema de um desconhecido americano,  
temendo que a sua influência não me consuma o porvir,  
as divagações comunitárias trazem e suportam este ar de fastio.

Mas uma jovem de idade levemente superior ao vulgar,  
sem aqueles olhos a que estamos habituados de ver  
nas revistas de beleza, sincera à primeira vista,  
sem se dar ao mínimo trabalho de me saudar,  
bela como um poema de Prévert sobre a arte de Picasso,  
sonora sem estrídulos de maneirismos tumefactos e tumulares,  
desconhecida cuja vida eu já desvendei entre este lapso  
de fantasia, senta-se na mesa vizinha  
e adormece sob a crista do nocturno.

E eu que estou neste café para acompanhar os homens,  
que não fazia a mínima ideia da existência desta mulher,  
julgando mesmo que as mulheres eram o limite surdo  
da minha sexualidade, fico estarrecido  
com a morte branca da face de esfinge loira.

Mas como sou um homem civilizado, ou sem pretensões  
a uma coisa dessas, não me levanto nem pergunto

o que lhe consome: ela está aí, a dois passos,  
e eu aqui, entre esta malta de caras rotineiras e usadas,  
sem aquele ardor de comunicação  
que se observa nos filmes de Bergman.

Tu, filha desta noite que propositadamente não vou catalogar,  
para que fique e permaneça no anonimato da eternidade,  
saída de qualquer ponto exterior à minha angústia,  
rósea como um verde,  
vieste estragar este disfarce suculento de solidão,  
para que esta noite não durma sem insónias ou borborigmos.  
És a mensageira de quem?

Se outrora eu pensava que dizia lindas coisas,  
 hoje eu sei que as coisas que não digo são verdadeiras,  
 e que todas as palavras com a falsa aparência da vulgaridade  
 estão pletóricas desta subvida que cresce nos meus veios.  
 Com um sofrimento envergonhado de o ser,  
 acossado de morte pelos pais da boa idiossincrasia telúrica,  
 esses senhores que cagam na morte e cospem na angústia,  
 ou discutem a essência ou a origem desses «problemas»  
 como se realmente não existissem e não passassem  
 de imaginação

Decorreu uma hora das primeiras palavras deste poema.  
 Fui interrompido. Já não sei como recomeçar...

Sorvi a tarde entre a leitura de uma revista internacional  
 e este desconforto por não me sentir com vontade para estudar.  
 Tenho exame segunda-feira, a minha mãe escreveu:  
 tem cuidado com os estudos, olha que é para o teu bem.  
 Agora que a tarde esmorece e agoniza,  
 com a faculdade dulcíssima de escrever as minhas nonadas,  
 só com os papéis e a máquina de conivente teclado estrangeiro,  
 pensando se isto é ou não viver, sem resposta,  
 cuidando que tudo afinal é viver mesmo quando não gostamos,  
 e culpando o meu desejo injustificado e ilusório de outra coisa.

As palavras saindo fluentes e rítmicas, eu estou a senti-las,  
 ágeis como gaivotas de uma novela lisboeta que não li,  
 marcadoras como a tenacidade ilídima do calor fudentino,  
 portadoras desta insubmissa necessidade de evasão.  
 Falar de mim, das deambulações pecaminosas  
 das minhas entranhas, dos meus estafados estados

de alma, – como me rio com o que digo –,  
dos problemazitos com a arquejante face do cinismo mórbido,  
das relações sorvadas que me empurram para os outros,  
da ressaca que o meu viver sofre entre o nada e o tudo,  
que bom, que bom, que bom!

Este dia verde, já não amarelo, litúrgico, assexuado, virgem,  
pleno de exalações onde a amora é rainha e o limão é rei,  
tarde sem atingir a pontualidade snob dos monárquicos,  
manhã onde o sono saiu de um longo esviscerar de pesadelo  
fulvo, perspectivas de noite num cinema acolchoado da cidade.

Com o Zé Manel dizendo impropérios beatíficos à mesa,  
com o sorriso larvar e clarividente do Vitorino no retoiço,  
com a intranquilidade apaixonada de um Teixeira simples,  
com as discussões febricitantes de um Guerreiro céptico,  
isento do cinismo quase burocrático do Artur,  
acompanhando a leviandade mágica e ingénua de um Zé Luís,  
eu estou nesta casa que sou eu e os outros,  
abandonado das curiosas manifestações do espírito,  
mas invadindo sub-repticamente o antro doloroso da vida.

Como dizia, não sei se hoje se ontem, mas que importância  
tem isso?, o tempo não é mais que o somatório  
destes imprecisos apostos, a tarde não é um acaso  
na origem hierática do meu génio.

Pelas horas de obumbração vis ao infinito caótico das coisas,  
levemente estranho das revoluções abjectas do mundo exterior,  
vivendo do fundo da minha alma para a superficialidade  
do meu existir, colaborando no plágio involuntário  
do quotidiano e do tédio, conhecendo sem mácula  
de qualquer espécie o fim deste detectar, a minha palavra  
que nunca foi de ouro porque é da experiência,

está exumando a realidade do meu porvir  
e fixando a multifária exaltação da Hora e do Círculo.

No começo de mais vinte minutos entregues ao abandono e ao desespero da descoberta sem significado de utilidade, com os sentidos grávidos das sensações de odores e alores carregados de símbolos mágicos e virtualmente imaturos, sem ao certo saber o que vou dizer, porque seria um limite, mas sabendo que tudo o que for dito será demasiado humano, entre a desídia de quem vê o mundo sem o caminho do acerto e esta necessidade feita de mentira e de luz desmistificada, vendo do exterior a fragrância deste calor sem escamas mas pleno dos suspiros tórridos de invasores africanos, e emergindo do interior o revérbero matutino de uma certa emancipação salpicada de trabalhos e ódios passados, eu estou sem me aperceber muito bem do que é feito da minha náusea, agora que da escuridão das insignificações como de outrora não sai mais nada que este psitacismo de deslocada lucidez.

Perdendo o desejo de ser, contente com o que isto é, no interlúnio da minha desolada vida de choros e psalmos, com os braços estendidos não ao céu mas à terra, neste espreguiçar de metafísica para os sábados à noite, límpido como a mais pura donzela que ainda não nasceu, eu, e a minha vida jorra cânticos de desafinada melodia aos passos dos outros homens que subsistem sem a grandeza da Iniciação, ávidos que cendraram a vida de todas as especulações, velhos selvagens que comem e bebem o marfim da incompreensão com esse ar libidinoso de um marinheiro que enceta mais uma aventura. Irmão de todos, não só dos homens porque seria muito pouco para mim, bendizando a tresloucada visão dos incógnitos visíveis, fazendo claque com relas ou cornos de bois,

a minha voz não se levanta do tumulto das outras,  
e eu não sou mais que um anonimato entre a galeria do Banal.

Príncipe, sem coroa, da Hora, proprietário do Espaço,  
fotógrafo das correntes diárias de impressões e ideias,  
criador da palavra divinizada e infinita, amigo onde a religião  
não tem o azedume de um sacrilégio, pai um pouco de todos  
estes seres que não gravitam em redor de mim, sem ser filho  
de ninguém porque basta ser homem, sofrendo mais  
que cevando, mas como isso é masoquistamente bom,  
disposto a levar ao fim o Capricho e o Palpitir de Sonho,  
com pressa para que este poema se acabe – estão a chamar-me  
para comer e eu não quero ser mal-educado –, no princípio  
da maior revelação ainda não revelada, inconsentânea  
com o meu temperamento onde o nada é lei, eu vou dizer,  
se me deixarem – mas quem me impede, quem me impede? –  
que gosto de viver e de ver isto, este calcorrear de espinhos,  
esta frondosa dose de espúria animalidade invicta,  
este estrábico alindar da desordem do universo,  
esta improfícua procura sem um nunca longo encontrar.

Agora que ainda não disse tudo porque já tenho sono  
e preciso de comer, agora que o barulho dos companheiros  
não me deixa ser nada por minutos, agora que gostava  
de estar aqui sentado a escrever, longe do que desejo,  
eu vou largar esta máquina e sem pena alguma vou comer  
lautamente. Não me perdoem, não me perdoem,  
não me perdoem. Mas vós que estais a ler estes versos,  
vós que estais longe e sabeis perfeitamente  
que as minhas mentiras são verdades evidentes,  
não tenhais esse estúpido atrevimento de me invectivardes.  
Eu, que estou aqui, longe da esporádica admiração

do vosso sentir, sem vos conhecer com carne e risos ou choros  
nos lábios, eu, dizia, gosto de vós e amo-vos como aos dias.  
Também vós sois descaradamente incompreensíveis.

Até que a Hora chegou. Fim de um dia, possibilidade de começo de outro, contando minuto a minuto a insuficiência do deslize do ponteiro, fixando no ser a truidente impressão de um momento superior, sentindo, e oh, como se sente quando a vida não é mais que tempo, a invisível auréola que pode muito bem ser imaginação, mas icástica, fina, imperdurável, levemente gazeada de sons mussitados, como um bafo de um animal no mericismo invencível do passado, sabendo que se está a ser possuído sem falos ou conas, placidamente entre dois olhares para o silêncio do oráculo órfão, com o sentimento de se estar a atingir a maior alegria de sempre.

Eu não queria estar a falar destas coisas: talvez ninguém acredite no que eu digo, e isso é extraordinariamente bom. Os homens devem ser mesmo assim, lúcidos, polutos, toscos, incapazes de se arrastarem por um pressentimento que pode ser só inventiva.

Mas eu que sofro, como todos sofrem alguma coisa, esta hora, influenciado pela visão apocalíptica de Fausto e do seu remorso, vendo nos mínimos inefáveis um aviso do nada, súbito deus de incontroláveis domínios negados ao homem, filho da Sorte e da Exulceração, iniciado onde o Acaso se comporta como um déspota, eu que agora estou no desamor de testemunhar esta hora crucial, mas percebendo que tudo seria na mesma se procedesse de maneira diferente, se não intentasse cravar no seio do papel este amorfismo Lúcido, eu não sei

por que estupidez perco este tempo que seria mais útil  
no meu sonolento ressupino de cansaço inadiável.

Um plinto ou um santuário para a preguiça,  
eis o que construiria se pudesse esviscerar em mim  
este interlúdio sem fim. Mas estar assim, inactivo  
e activo como uma fera, gozando a neutralidade,  
sem um pensamento maior que o pensamento  
de estar, sem um sentimento tão intenso  
que ultrapasse a voz dos acontecimentos comezinhos,  
sem um sonho que me perca por sarjetas e montículos  
de cetim, sem a imagem de ninguém a fornigar ideias  
ou razões abomináveis, só como todos os objectos  
espalhados pelo redemoinho da sala, sem a substância  
de qualquer coisa a proliferar raivosamente, enfim,  
comigo próprio onde o próprio é ficção  
e mentira psicológica, eu estou para o Nada  
e para o Sempre, nesta perfeição conjugada  
com a eutimia de uma organização que me escapa  
e se escapa, figuração de uma abandono ao eclectismo  
das horas imperfeitas.

Possuindo um acervo de mundivivências colmatadas  
pela memória, barítono de uma música onde o dó  
não chega a insinuar-se, filho livre das besteiras  
que os homens vetustos criaram bondosamente,  
absorto na frivolidade subtil de me saber homem  
desempregado, optando pela sinceridade magnânima  
da desídia como expressão de uma vontade,  
o meu corpo e eu, ou eu no meu corpo, estamos  
infinitamente bem, rodeados pelas flâmulas brilhantes  
dos outros mundos humanos, isolados das rochas  
onde a incompreensão abusaria da nossa inocência,

desplacentados até às raízes do nosso viver anfigúrico e usado, já sem o atrevimento de desequilibrarmos o universo, estáticos, maciços, ocupando o estrito espaço da nossa adiposidade indesculpável, silenciosos como um morto no esquife filaucioso e cosmopolita, enraivecendo todas as formas de progressão para o fim, não queremos mais que a deselegância de sermos maltratados.

Mas a Hora ainda não chegou. Nem o dia findou definitivamente: eu surripiei ao momento de desatenção um resquício do Ontem e do Passado, e agora brinco fabricando vidas e paixões com os desperdícios, supondo isto ou aquilo para atingir tal fim previsto, conspurcando a imaginação com a fantasmagoria de pesadelos insinceros, demiurgo onde a desonestidade não vai ao clímax de abortar homens. Mas a Hora ainda não chegou. E quando aportar com bagagens e falsas ideias, a minha vida não será diferente. Eis a conquista, eis a banalidade.

No interior anatómico do meu crânio, um comício de revoltosos em efervescentes desmandos e raivas tumulares, fluxo lasso de nervos no redondel onde a ironia fisiológica grita bravos e cospe sangue, sem rei nem roque, agudíssima cerebração neste começo de tarde, obnubilado por uma rede de lodo ou de compactos areais de sono, com o pesado palpitar de veias nos interstícios do pântano.

Estou obscuro e vadio como um cão de luxo, sinal inexorável da loucura, impressão monstruosa de um destino de fantásticas histórias, remoendo o nada e o insólito desta cabeça entroncada no abismo do tédio.

Quanto do meu suor é agora o que escrevo sem muito bem comandar este fluxo misterioso de palavras que adicionei com os anos e com o ócio, para hoje sem muita vontade para isso cantar a dor de cabeça excelente, saída sabe-se lá de onde, minha como a caganeira de ameixas e de figos, importuna como todas as coisas que displicentemente crio sem razão, mas condenado a criar como se fosse a inerente condição do meu viver.

Meu? Por que não teu ou dele?

Estava estendido na cama, tentando estudar, quando comecei a visionar através da parede compacta e fria um sonho real em que o cansaço era a principal personagem desse flébil drama. Agora já me abandonei ao contraditório dessa visão espontânea e ingénita, estou para aqui neste clangor onde as palavras são insignificantes testemunhos e a dor de cabeça um facto que tanto gosto de juntar ao brilho do quotidiano.

Sem vontade. Sem desejo. Sem amor. E embora tivesse sonhado com ela, a imagem do meu desconforto sexual, com o tosão inadmissível da muralha protectora do seu sexo feminino,

ou com a leve discrepância dos seus seios, porque aí está  
uma incongruência que ainda hoje não percebo, por mais  
que me digam que é o órgão de aleitamento dos nascidos  
– mas o que estou para aqui a dizer?!

Sócrates e Buda sem deus e sem anjos, vinde até mim  
e desplacentai-me deste Nada, colhei em mim as rosas  
do meu amor sem... bebei comigo esta experiência ímpar,  
resfolgai diante do...

Não, não tenho imaginação, já não sei o que digo, não estou  
louco mas é como se o estivesse, já não penso, já não sinto,  
já não sofro, tenho agora esta cefaleia terrível – mas como  
as palavras são mistificadoras –, este peso no céu  
do meu cocuruto, inane e atrevido, doloroso, sério,  
infrene e demoníaco, pleno de calhaus e de amarelo  
– agora que a minha vida se resolvia em azul –, pensei nisso  
outro dia, no cinema, porque um filme colorido insere-se  
na minha vida com dentes e armas, mas mas mas...

Era isso, eu estava no azul e dizia: estou a passar por outra fase  
da minha vida, agora o amarelo não é mais o fulcro crucial  
da minha existência, e hoje, vejam lá a pouca sorte, novamente  
este sentido trágico no amarelo sulfuroso e tórrido, escaldante,  
infernal como as chamas de um cigarro, quando o azul  
era o meu novo signo, a fachada do meu último sentimento,  
mas de que vale isto se os homens não compreendem, se vão  
julgar que estou no fabrico de literatura, que estas fantasias  
não transcendem o campo glorioso e mirífico das artes,  
quando eu, pelo cão e por Sócrates, estou, e cuido que a vida  
dos meus orgulhosos anseios se resolve em pinturas essenciais,  
mas agora que o amarelo que aprendi com Van Gogh  
enlouquecido e mitológico (como eu amei Baudelaire e Verlaine  
e Rimbaud porque eram malditos e eu o anátema!), mas agora  
tudo mudou, sim, tudo mudou, eu estou aqui, hoje, e já fui

criança, eu fui, eu quero ter uma infância e uma adolescência,  
– quem não quer uma coisa dessas? – mas agora é de todo  
impossível possuir uma coisa dessas, porque é tarde, mas dizem  
por aí que nunca é tarde, há mesmo um filme que se chama:  
«Never too late», e eu que vi esse tarado filme americano  
uma tarde em que não tinha nada que fazer, estou aqui,  
sem saber o que quero – mas isso é a característica fundamental  
destes gloriosos tempos – diz-me um pedagogo ou qualquer  
outro encartado, e eu que não vou ter a coragem de ler  
o que estou agora escrevendo – Brasileiro? –, mas isso  
é mentira porque amanhã, ou hoje mesmo, quando sossegar  
deste imbróglio, vou pegar no papel e corrigir estas linhas,  
é a verdade, tu que me lês, é a verdade, e se tu não acreditas  
numa só palavra do que digo não te aflijas, assim é bom,  
eu não passo de um maluco, mas esta dor de cabeça, oh  
esta dor em cima de mim, como me custa a suportar, pesada  
como o ferro, vergada até ao solo – mas não é verdade,  
eu estou com uma cefaleia, eu estou com o meu corpo, eu  
estou aqui, cidade de letrados, oh, como estou exultando de risos  
e facécias grotescas, aqui onde os homens se cumprimentam  
e se esvurmam, aqui onde eu estou de fora e cansado, fixem  
bem: cansado, entediado, de fora, enlouquecido, só, isolado,  
mistificado, glorioso, belo como tudo, sujo como tudo,  
opaco como tudo, raivoso como um cão.

Eu vou pegar num livro da estante e vou ler.  
Não. Não tenho vontade nenhuma de ler.  
Prefiro ficar aqui, com esta loucura, dizendo  
os disparates necessários para vos convencer  
que estou só, – mas onde raio se meteu  
a minha ânsia de companhia? Onde estão  
os laços que fui construindo paulatinamente  
nestes últimos tempos? Tudo por terra,  
todos os esforços vãos, e depois vêm dizer-me  
que sou um céptico, um derrotista, um estupor  
que só sabe distinguir o lado mau das coisas.  
Mas não é verdade, eu queria que o sol fosse só  
sol e a lua um satélite da terra, e que os homens  
fossem bons como os cordeiros da páscoa,  
mas hoje que perdi essa estúpida pretensão  
de me considerar culpado de tudo, eu digo  
que vós, tanto como eu, sois uns miseráveis  
porcos, uns imbecis, mas a culpa não é vossa,  
eu hoje estou fora do meu fora, este duplo  
desenraizamento, senhor da dor, (não foi  
para rimar, juro-vos que não foi para rimar,  
mas eu até fujo à rima fácil) – não é  
verdade, minto, nunca fugi, procuro apenas  
que a coerência exterior codifique a interior  
desordem do meu domínio espiritual, porque,  
senhores – como me pareço com algo  
de detestável! –, o meu espírito desordenado  
mas não caótico, e que importância tem isso?,  
não sabe onde buscar as rédeas da solução  
acomodatícia e inerve, mas o que faço aqui  
longe dos meus? onde estás tu, Casanova,

e tu, Ventura? e tu, mulher da minha infância  
que sonhei esta noite contigo, a fazer amor  
com o meu sexo, impudica como uma meretriz,  
mas bela, bela, bela, bela como as docas  
de Nova Iorque, no amor onde a raiva  
penetra até ao útero e lança chamas  
de desespero frustrado, nesse amor que  
ainda ninguém cantou pensando que era  
inútil e obsceno, nesse amor onde o cheiro  
do esperma é desagradável mas belo  
como o pénis, nesse amor que nunca soube  
extrair às horas e ao convívio com os homens,  
mas a vida sem homens ficou perduravelmente  
insignificante e lúrida, não me digas todas  
essas coisas livres e funcionais, eu tenho  
um exame amanhã onde me vão perguntar  
de que é feito o fígado ou o tecido eréctil,  
mas eu sei que nessa ocasião, distante,  
eu perguntarei a mim próprio o que faço  
ali, especado a atento, tentando lembrar-me  
da matéria, eu que me preocupo com a morte  
e a vida, que procuro respostas e acho lodo,  
eu que sem dúvida nessa altura estarei  
embrenhado na distorção ignóbil de estar,  
que argumentarei surdamente factos  
em favor da imemorial necessidade do Nada,  
quando superfluamente me chumbarão  
por não saber o estado patológico da pele,  
ou por que razão os cabelos das suecas  
são mais finos que os das mediterrânicas.

Mas agora em que tudo isso está longe,  
sem a certeza da minha genialidade, – oh,

como os meus versos por vezes parecem magníficos e outras vezes banais... – corroendo um evensor ácido nas minhas entranhas intelectuais, cerebrando assim, na indolência mecanizada de uma obra perfeita e perdurable, só, mas como podia ser o contrário?, com formigas nos pés, mas prometendo a mim mesmo não mexer um dedo, e sofrendo, sofrendo, sofrendo, sofrendo e sofrendo, sofrendo, como sempre, com os lábios gretados e secos, recordando a noite serena de ontem, nas avenidas, nos becos da cidade, sem estrelas mas com luar, acompanhado de um desconhecido, dizendo asneiras que na altura pareciam evidências irrefutáveis, abrindo os braços nesse gesto infantil de quem vai possuir a sofrerida, senhor de mim, senhor como nunca de mim, fora de todas as preocupações – só a noite e o silêncio contavam, e eu entre eles com o desconhecido, mijando como os cães de encontro às árvores adrede para necessidades prementes, entornado dentro da alma este langor feito de um súbito frio e de aurora – como choro agora que tudo já passou como tudo que já passou, infeliz pela perda do que nunca essencialmente possuí, mas eu gozava essas horas sem mácula e com alegria, e perguntava ao escuro onde nunca receberia resposta, eu já sabia mas era bom, o que significava a minha vida e aquela hora, e o ontem e o amanhã, – e sem resposta eu continuei na mesma,

sorrindo, pela primeira vez sorrindo, fútil,  
desobediente e escarninho, impessoal,  
por que não dizê-lo?, chupando com ganância  
essa hora de comunhão com o verdadeiramente  
Nada.

Mas agora, e quanto me custa repetir, só,  
aqui, escrevendo para socorrer o Hábito,  
sem uma ideia determinada sobre qualquer  
assunto, doente e inocente, – onde estais  
vós, demoníacas impressões do meu ódio  
cinzelado em mármore? – como um...  
dessemelhante de tudo quanto presenciei  
e conheço, único, fautor de mitos e de vidas  
onde o tempo é um Ausente, colando  
quotidiano, que me resta senão procurar  
na estagnação um sentido inaudito,  
um calor que me aqueça de jaez diferente  
deste insuportável verão e uma mortalha  
para incinerar todas as vivências do meu  
caprichoso ser.

Sem saber porquê, desejo que a casa onde nasci, fez outro dia vinte anos, com uns azulejos disfarçando a arbitrariedade do meu destino, esteja no mesmo local da mesma época da minha imaginação criadora. Vejo-a agora, com matizes de oiro nas vidraças, tarde finda, inchada, resumando aquele ar que tanto me perturbou na infância, esse aspecto desaparecido da minha alma, vetusto e amarelo, poeirento como uma saudade, com os interiores onde a traça e o silêncio do vento faziam amor.

Lembro agora, do fundo da minha interpretação deformadora, o meu quarto, esse exíguo cubículo onde o espelho trocista me espiou o crescer, com a clarabóia onde o vento e a luz litigavam compassadamente. Esse terrível cheiro a morte, agora nos meus sentidos, imaturo mas verde, onde as fotos carcomidas pelo tempo testemunhavam a existência dos antepassados.

Essa casa nessa vila onde eu fui criança, quem o duvida? – cheia de mim, agora vazia dos risos e loucuras juvenis, estiolada e ferrugenta, abandonada, como a estou sentindo dentro desta miserável evocação ao Passado!

Não sei porquê (eu ouvi ainda há pouco uns foguetes), o parque em frente onde eu brinquei e assisti espantado ao início do Sexo e do Medo, com os fantasmas dos rapazes e das raparigas que foram meus assíduos conhecidos, – eu pressinto o riso de alguns e detecto o ar bonacheirão de outros –, está, agora que não o vejo, cheio de piões e de armadilhas, e miúdos de sete anos fazem chichi nas covinhas que exumaram com o pau esquecido pelo último circo.

E recordo as minhas fugas para a noite das seis horas

de inverno, jogando com a malta da ocasião os mais variados passatempos, e a tardia chegada a casa com a consequente tareia para primor de uma educação.

Hoje, que não fiz nada de substancial, que dormi até ao meio-dia, que continuei durante todo o dia a dormir, impávido e inane, levemente esgazeado, com os olhos naquele além sem limites porque converge no nada impreciso, pensando na minha casa, porque todos os outros tugúrios não são mais a Casa onde eu aprendi esse conceito, e liberto desse desânimo que corrosivo escarifica a minha alma, com o desconselho de não estar Lá, sem saber porquê, mas lá agora, para que a minha vida se suavize com a memória dos meus passos pretéritos.

E eu que nunca tive até hoje saudades, que andei sempre em frente sem sair do sítio, estou a meditar no como será o poente nos azulejos da casa onde nasci. Não discuto: choro. E eu que acho estúpido o choro porque não resolve nada, não faço nada para imediatamente deixar de chorar. Estou só, só, só.

E se me dissessem que a casa voou, feita fumo ou tempestade, leve como um facto, levada para domínios onde a imaginação não suspeita existências, eu ficaria mais só, quase que sem um começo, sem uma partida definidora, esse ponto que escora todas as ulteriores manifestações da vida. Por que nasci em Vila do Conde? – Eu nunca perguntaria quem fez deus. Não sei.

Algures onde um homem e uma mulher se encontram esfuziantes de fé, com o coração transbordante desse inquietismo que chama o ser à terra, eu nasci filho de duas estirpes e do mesmo credo.

Em noites visitado pela insónia, quando os gatos deambulam

gritos eróticos, eu pergunto a resposta que não sei:  
por que te fizerem, pequeno, por que vieste nesse fim  
de tarde de Fevereiro frio, nessa casa que seria tua  
desde o primeiro vagido?

Quem são teus pais? O que fizerem? Como se conheceram?  
E durante as tardes em que a minha avó fazia renda na varanda  
– Oh, eu possuo uma avó, eu vivi com uma avó, eu tenho  
família como os outros homens! –, eu perguntava-lhe  
quem foram os meus bisavós, onde viveram, como e quando  
morreram, e a minha avó, que tinha uma fraca e débil  
memória, satisfaziamediocremente o meu desejo de me saber  
último sobrevivente de uma ideia antiga: fazer filhos.

Na janela virada para o poente, com doze anos, o púrpuro tom  
de um crepúsculo no meu rosto cheio e carnudo, contando  
as primeiras estrelas da noite, maravilhado pelo medo que senti  
quando vi nesse mesmo dia o mar vermelho de sangue,  
eu julgava que a minha vida só teria um sentido nessa casa,  
e que todo o futuro não passaria do constatar diário  
do mesmo perfume e dos mesmos objectos.

Quem me diria a mim que anos mais tarde, eu estaria aqui,  
neste quarto, mudado, lembrando, já sem saudade,  
mas com um esforço quase físico, a casa onde nasci,  
em Vila do Conde, terra do meu advento físico e espiritual,  
início do sofrimento de existir.

Ó tu que não me conheces, que directamente  
 nunca conversaste comigo, que vagarosamente me lês,  
 ou apressadamente, quem me pode garantir que não?,  
 que estás aí, eu não preciso de saber onde  
 desde que tu estejas, só, comigo, ouvindo as minhas vozes  
 e os meus desencantos, impossibilitado por mil factores  
 de me sentires a viva voz, não sei por que desígnios  
 do destino, tu que não tens face, que talvez sofras agora  
 uma contrariedade, que és um pouco de mim,  
 filho de um país desconhecido, falando e pensando  
 a língua desse país, quantos anos depois deste nocturno  
 sete de Julho de mil novecentos e sessenta e oito,  
 com a idade daquele que poderia ser meu filho ou neto,  
 do sexo masculino – oh, é-me impensável suspeitar  
 que alguma mulher terá o atrevimento de me ler...–,  
 não sabes quanto de noite e de desassossego  
 eu tenho em mim...

Como uma amiba ou uma anémona que nunca vi, sou  
 sincero, respirando o ar e a intragável inércia destes olhos  
 mumificados e brancos de cal, sem um ruído que me dê  
 a ideia nítida que estou no mundo, medindo cauteloso  
 as distâncias que me separam das paredes e dos móveis,  
 reflectida a minha fauce nos vidros da janela baça e negra,  
 pensando em ti, na cor dos teus cabelos ou no feitio  
 dos teus sobrolhos superciliados, perguntando a mim  
 mesmo como foi este poema parar ao teu regaço de vontade  
 de compreender, sorrindo com este pensamento,  
 – no peito o coração zurra e pinoteia, dá-me a ilusão  
 da morte, a cabeça é agora uma dor finíssima  
 que me trespassou do frontal ao parietal, que obrigou

o meu corpo a um salto de medo e de desfalecimento –  
tenho as mãos frias, a seborreia escorre pelo nariz  
e pelas frontes, eu estremeço quando um silêncio interior  
esbarra contra o mutismo do mundo longe do meu quarto,  
sem ter nada onde esconder este desânimo que a carótida  
superlativa, sem uma religião, sem uma ideologia,  
sem um amor diferente das palavras, estando aqui  
e cogitando por que estou agora aqui quando a terra  
é redonda e tem mares e montanhas e planícies e rios  
e trovoadas e silêncios, sem nunca ter fornecido  
com uma finlandesa ou uma preta, nem com as prostitutas  
deste praça onde os meus passos não deixam marcas  
nem peso, – e como isso é bom! –, descontente  
com o princípio e com o fim, entre o som mágico  
e o desenvolvimento infantil, sem um carinho para desperdiçar  
pelos roupas espalhadas pelo chão, recordando o sonho  
obcecante que se repete desde há muito, em que a raiva  
da injustiça sofrida na infância se abate sobre o corpo  
massacrado do meu irmão e uma impotência de gestos  
e murros acorda-me para sopesar esses tempos,  
quando eu queria esquecer completamente tudo  
para me sentir jovem e forte.

Tu, desconhecido, meu irmão, filho do Homem e pai,  
corrente exímia entre duas gerações, nesse ano  
em que os sofrimentos espirituais continuam existindo  
invariavelmente, com a formosura que o meu corpo  
não tem – mesmo que sejas feio és formoso, eu assim  
o quero, omnipotente e banal –, com a cultura  
que não possuo porque não a procuro, ou ignorante  
que procuras nos livros um sinal da tua inquietação,  
matriz destas palavras que custam a sair do reino  
da Imaginação e da Vida, para te saudar agora que posso,

porque o amanhã é o imprevisível e eu tenho medo,  
confessando com a nugacidade deste momento  
a minha estadia no plexo dos homens, sempre espantado  
com as Coisas e com os Factos, sempre ansioso  
por desvendar, sempre soçobrando e procumbindo,  
sempre enfermiço e cansado da realidade asfixiante,  
sempre na ressaca deste estar sendo com uma meta  
arbitrária e escura, esperando esperando esperando,  
já não sei o quê, entre a similitude da Hora e o desterro  
brando do Espaço, inventando subterfúgios para aclarar  
o Nada, buscando em cada palavra uma salvação  
que a vida não dá nem recomenda.

Tu, onde quer que a tua vida tenha de comum  
com a minha, nem que numa futilidade,  
porque a grandeza da vida está na covardia  
de criar valores, tu já o sabes, és meu e eu sou teu,  
amantes e escravos, filhos colossais da amizade,  
e o teu juízo a meu respeito a minha sentença,  
porque eu quero que assim seja, e a minha glória  
nas palavras que discutirás com os teus amigos,  
falando de mim, sobre a minha vida, sobre  
os acontecimentos anedóticos da minha biografia,  
sobre um dito espirituoso que em dia de abandono  
libertei do meu fastio, com aquele amor  
desinteressado de quem edifica um outro homem,  
para que a minha carcaça não se reduza  
imediatamente a cinzas, e para que tu possas  
dizer: não comprehendi perfeitamente e totalmente  
o Poeta, mas cheguei, em certos momentos  
de invisível comunicação, a vibrar em uníssono,  
sofrendo e compartilhando o desespero  
de uma vida dura e inaverbável, sinal dos tempos  
em que o homem está e é, mas não vive.

Estava deitado na cama, com uma comichão  
dentro de qualquer interior de mim,  
e todo o meu corpo propendia para a mesa  
onde as palavras que temia estão agora  
a ser caligrafadas com raiva e desespero.  
Eu acreditava que não era estúpido.  
Eu julgava que tinha um pouco de talento,  
mas agora entre o *capricho italiano*  
e a *passagem das horas*, eu tenho a impressão  
nítida do meu prévio fracasso. Nunca passei  
das quatro posições da guitarra...  
E o meu sentido para o fluir orgânico  
da música nunca me proporcionou  
a leviandade de criar uma partitura... Não  
que seja um falhado. Sou um desempregado.

Ainda ontem à noite, tentando conspurcar-me  
com a precisão da realidade, eu meditei  
a minha vida e perguntei a um outro que sou  
eu: O que pensas fazer da tua vida?  
Que planos tens? E eu não tinha planos...  
Nem a coragem de os fazer... Eu, enfim, estava  
nesse momento na rua, caminhava, vinha  
do cinema, ou do fim do dia, e estava...  
Não, nunca arquitectei planos ou geometrias  
de vida... Cá estou, aqui, na terra,  
sem saber ao certo como passar o tempo,  
enfim, protelando um não sei o quê,  
esperando que a vida se resolva, que eu  
não tenho cabeça para dirigir ou dar ordens.  
E quando os outros me evidenciam a minha

magnânima irresponsabilidade, eu pergunto  
aflito e bobo quem inventou a consciência  
e os deveres. Eu estou fora de tudo isso, isso  
não me diz respeito, viver já cansa, o mais  
é uma futilidade que não posso engravidar.  
Trabalhar para viver? Se for obrigado a isso...  
que remédio! Mas não perdoo a sociedade  
que me coage a tal espúria vileza. Acredito  
perfeitamente que a sociedade e os homens  
se estejam cagando para o meu anátema  
improfícuo e solitário, mas não será por isso  
que ele é menos veemente e sincero.

Não me venham falar em ordem no universo!  
Estou cansado. E quando a desordem  
dos meus nervos crocita sobressaltos,  
que importância de maior tem a ordem  
mecânica do universo?

Mas depois desta hora de leitura, com Álvaro  
de Campos na alma, ainda ruminando  
certas frases que são sangue e vida minha,  
ainda ébrio da profusão esmagadora  
das suas palavras, a vida deste momento  
faz-me mal e nauseia-me.

Eu, que quando me quero lembrar de mim  
vou ao livro do Poeta para saber o que sinto  
quando duvido do que sinto, que profissão  
humana ou inumana caber-me-ia de prémio?  
Burocrata? Médico de corpos e almas?  
Guerreiro? Fabricante? Chulo? Merceeiro?  
Alfaiate? Paneleiro? Pensar-me uma coisa  
destas, oh, que luxúria, que engodo,

que indecência...

No dia em que for conhecido (vejam lá,  
já me penso morto e canonizado!), no dia  
em que os outros me lerem com atenção  
e raiva, de que vale esta hora que é só  
minha, e do meu juízo agonizante?

Por mais que sintam o que digo, por mais  
que comunguem o que sinto, nunca,  
e como isso é bom e dá força, entrarão  
dentro do meu Nada. – O poeta era isto  
ou aquilo? Sim, o poeta era isso,  
mas sem palavras... Voltamos ao princípio,  
ao... não sei dizer... está aqui dentro,  
eu sinto e sou isso, mas não sei dizer...

Estava deitado na cama, com medo,  
mesquinho e louco, com dor de cabeça,  
rotineiro e presente, marcando passo,  
só e isolado, ouvindo as ressonâncias  
da última leitura inacabada da *passagem*  
*das horas*, e captando o real concreto  
do *capricho italiano*, sem flores nem raios  
de vórtice e ouro, consubstanciando  
o que li e o que ouvi.

Porque a poesia se dedicou à minha vida,  
 eu vinha na rua e pensava no poema  
 que só escreveria quando estivesse no pino do verão.  
 E pela primeira vez na rude moldagem das palavras  
 o meu sentido premonitório rimava airosamente,  
 como se nesse dia que ainda está para vir  
 tudo fosse mais fácil.

Agora, já não recordo o que sonhava...

Fagulhas de uma ideia que não desapareceu de mim,  
 sobreviventes deste quotidiano construir de mitos.

Mas esse poema só se efectivaria na casa  
 de Vila do Conde, no quarto virado para o rio  
 e para o mar que não se vê (estou a sentir  
 um cheiro áspero de madeira ressequida  
 e de memórias amontoadas no sótão do meu Mistério).

Precisava de marcar com infinita presença  
 o fluir das coisas, de estancá-las e absorvê-las  
 o mais possível, exauri-las para que o meu corpo  
 e os meus hábitos eternizassem o Segundo.

Na idade em que a poesia não é a última tábua  
 de salvação porque não há jangadas nem salvação,  
 a minha vida é o que eu escrevo e o resto  
 reminiscências de um pesadelo maligno.

Felizmente que estou longe de todos os que assistiram  
 ao meu crescer, porque é sinal que não posso  
 um verídico passado. Sim, sem dúvida  
 para não fugir às leis do universo, eu nasci,  
 mas isso é uma possibilidade remota  
 que ninguém tem interesse em precisar.  
 Estou, eis o que importa... E sem a possibilidade

de me dizer feliz ou infeliz...  
O que é isso de infelicidade? E de momentos  
de alegria e de dúvida? Como estou tão longe  
disso tudo, tão longe!...

E quando um conhecido vê num gesto ou numa frase  
aquilo que pensa que sou, e me vem dizer  
solícito e malevolamente, eu agradeço a revelação  
desse achado, e procuro ulteriormente justificar  
com acções o veredito vaticinado.

Mas descubro sempre que o que sou é mentira,  
ou um falso alarme...

Não que tenha grande importância o descobrir-me:  
é até estúpido e incivilizado

Mitomaníaco, construí sentires verdadeiros  
para ser tudo, e fui convicto, mas cansei-me.

Quando me julgava árvore ou frio,  
eu era árvore e frio, mas não era a árvore  
do caminho ou o frio do inverno.

Aí a minha impotência...

Ser, sempre fui tudo, mas de maneira diferente.

E esse tudo não era nada!

Por deliberação intelectual cingi-me ao Eu,  
mas nem perdi nem ganhei nada...

Ficou tudo na mesma, como sempre...

Porque e afinal, a vida é a ideia que temos da vida,  
e o que somos nas vinte e quatro horas  
de um dia é Mistério,  
é a inconsciência consciente  
de que somos e estamos.

Vejo duas senhoras na rua, conversando,  
e não pergunto a mim mesmo o teor do que estão a conversar.

A minha curiosidade virou-se para dentro,  
e subitamente deixou de ser curiosidade...  
Sim, elas falam, eu vejo o que elas fazem,  
apercebo-me de um sorriso,  
concordo com o abraço que se dão ao despedirem-se.  
Meus irmãos? É possível que sintam o que eu sinto,  
que não desejem o que não desejo,  
mas isso quer dizer alguma coisa?  
Se quer dizer,  
o universo está profundamente errado!

Achei por bem deixar um testamento. Não sei se isso é válido.  
Uma carta profusa do que creio e do que detesto...  
Do que penso da vida e do que vivi de vida...  
Mas o meu cansaço e o meu deixa para amanhã  
cortou pela base a esdrúxula pretensão da minha leviandade.  
Foi melhor assim.

Queria dizer que nunca construí uma escala de valores  
e os meus princípios foram sempre a minha idiossincrasia.  
Matei muitas vezes quem nunca me importunou  
e violei virgens que cometaram o grave erro de existirem.  
Mas nunca fui preso porque os cadáveres não apareciam  
e as jovens esventradas não se queixavam.

Tive sorte, mas só a mim a devo: fui cordato e rapace,  
venci e ludibriei a malícia e a necessidade de honra dos homens.  
Nunca senti remorsos pelo que fiz: eu, enviado por mim,  
desfazia-me do meu trabalho o melhor possível.

Nunca cometi um erro, nunca fui magnânimo. Feroz  
como ninguém, todos me achavam pacato e um Zé-Ninguém.  
A todos menti com a minha presença no mundo; de noite,  
vestia o meu fato negro de vingador e vinha praticar injustiças.  
A ordem do mundo nunca desfaleceu, eu sabia como actuar.

Agora, estou cansado.

Agora o meu cansaço sobrevive o muito que vivi parado  
e fixo, gastei-me por dentro e não o mostro por fora.

Envelheci. O tempo passado triplicou cem vezes,  
cada sensação esventrou a minha sensibilidade,  
cada emoção verrumou a minha vibratilidade,  
cada ideia zurziu a minha cerebração.

Atingi momentos icásticos de lucidez, conversei com a morte,  
todo o meu ser vibrou em uníssono com a terra,  
todos os meus impulsos galvanizaram a aparição.

Fiquei só. Não vejo mais que outrora.  
A velhice não me trouxe experiência  
nem eu fiquei mais sage. Envelheci simplesmente.  
Quando estou nas encruzilhadas casuais que me levam  
aos homens, e vejo dois jovens de sexos diferentes,  
sorrio: já passou a minha idade, penso.  
Quando uns senhores de meia idade dão tudo por tudo  
para deixarem aos filhos e aos netos uma posição decente  
na vida, eu percebo que seja assim,  
mas não faço como eles porque não criei descendência.  
E como esse homens carecas ou encanecidos, esperando a morte,  
eu estou aqui e conto os segundos que me separam do fim.  
Tudo vivi mesmo quando não vivi,  
a realidade misturou-se com o sonho,  
a minha vida encontrou-se com vidas reais e irreais,  
conversei com adolescentes sobre o amor  
e com os velhos sobre o passado.  
Compreendi sempre o homem no que tinha de compreensível:  
nada.  
Estive ao lado da humanidade em dias de sofrimento  
e em horas báquicas de euforia.  
Embebedei-me sem saber bem porquê  
quando via os outros a embriagarem-se:  
nunca precisei de razões para agir:  
quase sempre permaneci estático.  
O movimento e os seus derivados apaixonaram-me:  
nunca a preguiça permitiu que saísse de onde me plantaram.  
Fiquei e estou. Nasci amadurecido e morro amadurecido.  
Nasci verde e morro verde. Tudo é a mesma coisa.  
Nunca desejei a lua ou as estrelas, mas perguntei mil vezes  
por que não fui lua ou estrela.  
Sempre achei que devia ter optado a minha vida.  
Agora estou cansado.

Nunca conheci uma mulher: via-as passar e deixava-as fugir.  
Julgava-me no direito de que elas viessem ter comigo.  
Nunca vieram e isso nem foi bom nem mau:  
aconteceu e eu estou aqui para dizer que foi assim.  
Menti muitas vezes a mim próprio e fui sempre verdadeiro.  
Nunca fui honesto nem nunca roubei.  
Nunca tive medo dos outros.  
Temi muitas vezes a morte porque não sabia o que era isso.  
Agora sei e estou.  
Espero.

Sonhei que conheci uma actriz e que ela me perguntou:  
que personagem representas na vida?  
E eu respondi, sorrindo, que não representava porque não vivia.  
– Então o que fazes aqui?  
E eu que não sabia,  
pedi-lhe para me dar um mês para não o saber.  
Fui viver para casa dela. Não tinha bagagem nem alma:  
sorria quando faziam de mim o escopo de uma resposta  
que já sabiam.

Uma noite, deitado no meu colchão chinês,  
impávido e marmóreo,  
fitando vagarosamente o tecto de lilás e cisnes dourados,  
ouvi os passos mussitados da hospedeira e permaneci estático,  
 fingindo que a presença corporal desse mistério  
era uma ausência e que o pressentimento não passava  
de uma divagação onírica.  
Ela baixou-se, joelhos no soalho,  
e esperou que finalmente acordasse.  
– Queres-me possuir? – mitigou esse sofrimento  
de dias sem braços apertados furiosamente ao corpo.  
E eu que estava verdadeiramente acordado,  
mas cansado de tudo o que vi, disse que não.  
E ela começou a chorar...  
E como se quisesse irmamente zelar  
pela integridade espiritual da minha protectora,  
eu solucei uma desculpa em que náuseas e algor  
se misturaram e não solucionaram o problema que causei.  
Reparo nos olhos verdes, negros e magentos agora,  
na curva dolente do começo do peito caído,  
no perfume do corpo lavado,

na opacidade obscena que enevoou o tecto,  
e nos cabelos de cintilações carmim e cobre.  
Uma lágrima minha, azeda e salgada  
– como é banal o sonho desta noite, mas foi assim! –,  
flui e reflui de encontro ao vazio azul, eu sinto o seu pesadume,  
sofro uma dor nos debicados mamilos encobertos, e pergunto  
um pouco estarrecido o que foi feito da Hora e do vento.  
Hiante e monstruosa,  
agora as chamas espreitam através dos olhares da mulher  
vestida de sari, e o corpo carmesim e aberto cai sobre mim,  
até ao estalar do meu último resquício de alma.  
Abandonada, oferecendo vsgamente o sexo acolchoado  
de penugem, brincando com os meus colhões,  
como se fossem berlindes, beijando ao som de um ritual  
verdadeiramente novo e inusitado o meu umbigo  
e o meu peito arquejante de pressão animal,  
ela está assim como quem não sabe por onde começar,  
e eu estou como que um escravo perdido e abandonado  
aos caprichos da fera.  
Morde-me o pescoço e fico ainda mais frio.  
Fricciona o meu pénis com raiva e habilidade,  
dá-lhe palmadinhas brandas para o levantar,  
mas eu, que não tenho a possibilidade de ver o azul do tecto,  
fico mais carcomido por dentro, como se me estivessem a salgar.  
Infrutífera na sua sedução, chorando pela primeira vez sangue  
que pinga no chão e forma stalactites ou stalagmites,  
esbugalhados os olhos e vendo em mim uma palidez tumular,  
a actriz que me perguntou que personagem eu era,  
fugiu como um sopro,  
e eu fiquei sozinho olhando convicto para o tecto.

Está nu. Uma escama de dinossauro aqui e além,  
um botão de cinza no centro, e eu estou precisamente

debaixo de uma guilhotina de ouro.  
O silêncio escuro. O tecto. Os meus olhos.  
Inopinadamente, do interior do meu inquietismo  
amarrado por inibições e falsos preconceitos,  
e de todos os medos que arranquei à vida ou ela me ofereceu,  
uma chama de líquido efervescente irrompe o sexo  
e invade a grande,  
eu tenho o mundo no epicentro superior da minha vitalidade,  
e terra gira em redopio exotérico no eixo da verticalidade,  
as capacidades físicas e metafísicas do homem  
centram-se no tumulto visceral da minha solitária  
e improvocada ejaculação,  
acordo e estou na cama desta casa onde vivo  
desde Setembro último.  
Os lençóis conspurcados divinamente pelo sémen perdido,  
o ventre vazio e o corpo na sua totalidade com fome,  
o alvor do dilúculo cobre a superfície do planeta  
neste meridiano desconhecido e só,  
o meu sexo, esmorecido e ainda levemente túrgido,  
saciado da vida, recolhe ao sono  
de mais uns não sei quantos dias.

A vida continua e o sonho é manifestação de uma vida.  
Talvez amanhã eu consiga possuir essa actriz que vi  
numa revista de cinema na tarde do dia anterior.

Não é isso o que me interessa.

Não é isso. Nem aquilo, tão-pouco.

O que hoje me interessa... não está aqui.

Não está aqui porque pode estar aqui sem eu dar por isso.

Porque o que me interessa não conheço...

Não, não é isso o que me interessa.

Do meu pensar de agora, desta palavra que aparece,  
sei lá de onde, mas de mim que estou cheio de ondes,  
não estou interessado.

Procuro em outros níveis a significação do meu viver.

Além de mim, porventura fazendo ainda parte de mim,  
está o meu significado irredutível.

Aquém do que sou, o muito de possibilidade do que nunca fui.

Estou.

E estar, agora, entre o nada e o nada que vai ser,  
ambívio onde as estradas são construções acomodatícias...

Eu, concretização de uma ideia que faço de mim,  
eu, fuga paroxística do que não quero ser sendo-o no imo,  
eu, sem atingir o que por vitória queria ser.

Tantas faces quantos os interlocutores, eu, e sempre uno.

O meu riso é diferente do riso que tu vês,  
porque sem ti não existe...

Uma frase tonitruante e raivosa, mil possibilidades  
que podem ser tudo. Não só irascibilidade...  
seria demasiado fácil e simples...

Uma cara de gelo – quem sabe se não estou imolando  
no interior de mim esta alegria por nada?

Mas não é isso o que me interessa.

Brilhante, caindo no âmago deste violar das coisas, onde tudo  
o que diz é pouco para simbolizar as Horas e os Caminhos,

barco naufragando nesse mar que não existe porque está dentro de mim, não sei se na alma se na conjunção dos nervos com o temperamento, talvez que nas entradas sem sangue e sem gordura, entradas metafóricas, asseptizadas, limpas, onde a ideia antiga tece contradições de expressão e de mímica, porque muita da nossa vida é o que os mortos fizeram...  
Escrevendo levitando dois suficientes centímetros de ar, caligrafia onde o pensamento costumado é adventício e diáfano, procurando a história das ações e das palavras no que se diz sem o saber consciente, para depois colher, do amálgama de sons sem nexo ou sexo, a chave que não dirá nada.

Sonho onde a aranha entrou e que quer dizer medo da morte, disse-me o Vitorino que lê Freud e Jung e Adler, eu estou no papel do meu papel, buscando no sofrimento a flâmula de um gozo que não consigo sacar ao viver.  
Acordei exausto, dormir e sonhar também cansa, e depois, para quê levantar do leito quando se está no suor de uma noite insone e nublada pelo sexo, para quê ir mentir aos outros que estamos bem acordados, quando um sono longínquo e prematuro fecha ou semicerra os olhos e cria remela?

Fragmentos... jáculos... alores... impressões...  
visões brandas do que de si é horrendo  
se essa palavra ainda quisesse dizer alguma coisa...  
Onde estás tu, invocação?  
Tu que não és gente nem deus nem coisa?  
Tu que és apenas um som e um sinal abstracto e concreto...  
Como no nada as antinomias são a mesma coisa...  
Tudo é igual a tudo, as leis do universo assim o exigem...

Assim, sem o interesse de quem busca o que interessa, aberto e fechado ao mesmo tempo, fora das razões habituais

e dentro dos sentires humorais ou nervosos, Eu,  
e tudo o mais é a fragrância do que de mim se perde.

Um dia plagiarei os poemas dos poetas que amei.  
Agora faço os poemas do que não sei  
e choro a hora  
na demora  
de quem não sabe de onde vem.  
Quem como eu tem  
a triste ou estúpida necessidade de perceber  
não vai mais longe que o ser,  
e isso é pouco ou nada.

Na entrada  
deste novo ciclo  
um olhar triplice  
corrompe a realidade:  
a falsa liberdade,  
o desespero brando,  
o desamor cônscio.

Estou entre as duas águas de um rio perene  
e o que de infreque  
colhe na ânsia do meu sonho.  
será molho  
de nervos e gordura  
na sepultura  
do tempo.

Um sorriso de viés onde um amargo sofrimento  
talha cicatriz  
de cariz  
amorfa e louca repercussão,  
é irrisão,  
e tudo o mais festa de cabelos  
onde os pretéritos desvelos  
são as rosas de um estranho veio

no espúrio seio  
deste viver logrado  
e definitivamente fixado.  
Um dia, algures onde estiver,  
sem ter  
obrigatoriamente de roubar aos outros  
a magnificência dos tesouros  
que juntaram dia após dia, desesperadamente,  
eu farei da infelicidade dos poetas um corte rente  
e darei ao mundo  
um longínquo fundo  
do que é a vida  
sem uma esperança ou saída.  
Então, de entre a chusma que implora o caos,  
um suplício de dores e impulsos maus  
virá devorador ter comigo.  
E na iminência do perigo  
deitar-me-ei na sorna  
morna  
da loucura de estar só,  
par que a multidão sem dó  
corrompa em mim a solitude  
e plante no meu peito a beatitude  
de quem sabe que tudo é escusado  
e é melhor deixar de lado  
a insignificação do tempo e do espaço  
para que a vida não seja algo de morte e de baço.

Coimbra,  
10/6 a 15/7 de 68

